



atos

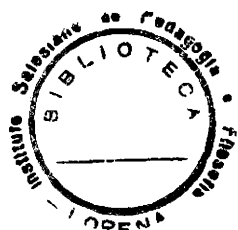
do conselho superior

ano LXIV — janeiro-março, 1983

n. 307

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**



atos

do conselho superior
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 307

ano LXIV

janeiro-março de 1983

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Egídio VIGANÓ Missão Salesiana e mundo do trabalho 3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 P. Juan Edmundo VECCHI Pastoral Juvenil: documentos e pontos a serem verificados ... 40
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	3.1 Calendarium proprium 45
4. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR	4.1 Crônica do Reitor-Mor 46 4.2 Atividades dos Conselheiros 47
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Preparação do CG22 54 5.2 Solidariedade fraterna (41.ª relação) 55 5.3 Constituições: edição crítica 56 5.4 Secretariado Comunicação Social . 57 5.5 Notícias missionárias 58 5.6 Idéias sobre o Boletim Salesiano . 59 5.9 Irmãos falecidos 66

1. CARTA DO REITOR-MOR

P. Egídio VIGANÓ

MISSÃO SALESIANA E MUNDO DO TRABALHO

MISSÃO SALESIANA E MUNDO DO TRABALHO. — Reflexões depois de uma viagem. — Um clamor que vem do Hemisfério Sul — A importância do Mundo do trabalho. — Desafio apaixonante e Inevitável. — Trata-se de propensão inata. — O "Evangelho do trabalho". — Desafio apaixonante e Inevitável. — Projeções práticas da nossa "dimensão laical". — Algumas sugestões de estratégia para o futuro. — Confiança em Nossa Senhora Auxiliadora.

Roma, Festa de Cristo Rei

21 de novembro de 1982

Queridos irmãos,

voltei há pouco de cansativa viagem — a mais longa de todas! — que me fez dar uma volta ao mundo. Tenho agora uma visão direta (conquanto incompleta) da nossa presença entre os vários povos da terra. Ouvi de maneira particular os fortes apelos que nos chegam mais intensos hoje do Hemisfério Sul: além do Projeto-África, as recentes presenças na Polinésia, na Melanésia, na Indonésia, em Sri Lanka. Para além do horizonte tão vasto em que já estamos empenhados, há ainda um amplo horizonte missionário, que interpela a nossa generosidade. Um futuro não para parada, nem para aburguesamento, mas para arregaçar as mangas e requalificar as presenças: mais espiritualidade, mais vocações, mais atualidade apostólica, mais magnanimidade.

Reflexões depois de uma viagem

— De novo em Roma, quis reler, nas Memórias Biográficas, as preocupações de Dom Bosco com as regiões que havia visitado pela primeira vez.

Impressionou-me profundamente a releitura do sonho missionário de 1885.¹ Diz nosso Pai que existe “uma zona circular em torno da parte meridional da esfera terrestre (é o Hemisfério Sul!)... Partiu de Santiago (Chile)... e concluiu a peregrinação retornando a Santiago”.

1. *Memórias Biográficas*
17, 643-647

Viu de modo especial — era o que eu procurava — a Austrália e “os grupos de incontáveis ilhas” com uma multidão de meninos, que, com as mãos estendidas, exclamavam: “Venham em nossa ajuda! Por que não realizam a obra que seus pais começaram?”. Dom Bosco comenta: “Parece-me que esse conjunto todo queria significar que a Divina Providência oferecia uma porção do campo evangélico aos Salesianos, mas para o futuro”.

Neste sonho, afirma o biógrafo, nosso Pai “pensava muitas vezes, dele falava com muito gosto, via nele uma confirmação dos sonhos precedentes sobre as Missões”.

Meditei também sobre os trechos que falam de preocupações explícitas de Dom Bosco com relação à Austrália² e ao Ceilão — hoje Sri Lanka —.³ Vale a pena rever as páginas proféticas das *Memórias Biográficas*, sobretudo as que se referem aos últimos anos de vida do nosso Pai.

2. *Id.* 10, 1268; 18, 378

3. *Id.* 12, 314-315; 13, 161, 17, 30-31.

“Vejo diante de mim — diz Dom Bosco — o progresso que fará a nossa Congregação... De aqui a cem anos, que desenvolvimento maravilhoso (que nós hoje bem podemos verificar)... a nossa (Congregação) é instituída para as necessidades presentes e se propagará por todo o mundo com rapidez incrível”.⁴

4. *Id.* 17, 31

“Pudesse embalsamar e conservar vivos uns cinquenta Salesianos dentre os que agora estão entre nós, daqui a quinhentos anos (que antevidência, quanta esperança!) veriam o estupendo destino que nos reserva a Providência, se formos fiéis”.⁵

5. *Id.* 17, 645

Foi uma viagem que fiz após haver visitado afinal todos os continentes. Senti mais do que nunca como Dom Bosco foi deveras um homem de Deus e como o Espírito do Senhor quis por meio dele suscitar uma Família apostólica de estofo popular, que dá o primeiro lugar à dedicação aos jovens: "Seremos sempre bem vistos, mesmo pelos maus — afirma expressamente —, porque nosso campo especial é de tal natureza que atrai as simpatias de todos, bons e ímpios".⁶

6. id. 645

Somos uma Congregação do povo e para os povos, em sintonia de vida com os pequenos e os pobres, portadora de uma missão evangelizadora de atualidade, com um profundo sentido da dignidade da pessoa, da dimensão antropológica da cultura e da urgência de uma adequada promoção humana, sobretudo entre os humildes e necessitados, à luz concreta do mistério de Cristo.

Cardeais e Bispos falaram-me, com admiração e gratidão, da sintonia e eficácia popular da nossa Vocação. Insistiram que é indispensável aumentar o número das nossas presenças em suas Igrejas locais.

Um clamor que vem do Hemisfério Sul

Pude constatar mais de uma vez que é de modo especial urgente nosso empenho educativo, particularmente no "mundo do trabalho". Quanta pobreza e subdesenvolvimento em tantas zonas do Hemisfério Sul! Há nele uma verdadeira urgência de ensinar a trabalhar, levando também as vantagens do progresso para enfrentar, com um pouco de mais êxito, os graves problemas da desigualdade econômica. Tantas situações de atraso fizeram-me pensar que é preciso saber valorizar também as contribuições de um trabalho mais racionalizado, mesmo da técnica propriamente dita, sem pretender, é

claro, visar suas mais recentes e sofisticadas invenções.

A técnica é um produto da inteligência humana, é progresso, é promoção, é possibilidade de crescimento em dignidade e em eficácia de convivência social. Seria um erro identificá-la com usurpações ideológicas de tipo capitalista ou marxista. Lamentavelmente a grande contribuição da inteligência que é a técnica, põe-se, de fato, mais a serviço do egoísmo (de grupo ou de Estado) que da fraternidade. Não é assim, todavia, pela própria natureza, mas, sim, pela apropriação indébita por parte dos que têm posses e poder. Dessa maneira, desde o século passado, veio-se criando e desenvolvendo uma crescente mentalidade a respeito do trabalho, animada mais pelo interesse do que pela moral, mais pelo poder de domínio do que pela justiça social.

Pensava então que uma das mais urgentes tarefas a ser enfrentada no trabalho de evangelização é a de libertar eticamente o progresso técnico e a organização do trabalho das malhas do egoísmo, para colocá-los verdadeiramente a serviço de toda a humanidade, esforçando-nos por recolocar essa importante atividade humana no campo da ética e da caridade. É mister incorporar o trabalho numa verdadeira civilização do amor! Como nos ensina a rezar a liturgia das horas: "Ó Deus, que confiaste ao homem a obra da criação e pusestes a vosso serviço as imensas energias do cosmo, fazei que colaboremos hoje para um mundo mais justo e fraterno para louvor da vossa glória".⁷

Pois bem: constatee que a nossa Vocação salesiana está humilde mas concretamente empenhada nessa urgente e vasta tarefa. Entre os povos economicamente mais necessitados, promovendo seus filhos a uma crescente consciência e profissionalidade no mundo do trabalho; entre os povos industrializados, onde abre a

7. Breviário, laudes de segunda-feira da 4.^a semana

educação dos jovens a um processo crítico e propulsivo capaz de evangelizar corajosamente, com percepção aguda da mensagem de Cristo, a “cultura do trabalho”.

Somos chamados a colaborar, na Igreja, para a formação das consciências, a fim de ajudar a recolocar o trabalho na órbita de uma moral orientada e vivificada pelo amor e amparada pelo poder do Espírito Santo.

Quantos pedidos me foram feitos de centros profissionais; quanta necessidade de Salesianos Coadjuutores numerosos e competentes; que urgência em saber envolver a Família Salesiana e o Laicato católico num compromisso tão extraordinariamente atual!

Pareceu-me oportuno, por isso, convidar-vos a refletir juntos sobre um aspecto concreto da nossa missão entre os jovens, o da “evangelização do trabalho”; se o tema interessa mais diretamente a um grande número de Irmãos, interessa a todos de pleno direito. Já havia sido solicitado por vários Salesianos reunidos em encontro de reflexão sobre a nossa presença apostólica na educação ao trabalho, a aprofundar um pouco esse tema. Além disso a importante encíclica do Papa, *Laborem Exercens*, merecia cuidadosa meditação de nossa parte, no que diz respeito aos empenhos educativos da presença que já temos ou projetamos ter nesse setor.

O tema é de tal importância e atualidade que nos envolve a fundo. À primeira vista, poderia também assustar-nos pela sua vastidão, complexidade e constante evolução. Mas não pretendemos, em absoluto, fazer um estudo sobre ele; propomo-nos simplesmente (e já é muito!) despertar a sensibilidade do nosso “coração oratoriano”. Estou convencido de estar lançando um verdadeiro grito de alarme diante de um sinal dos tempos, como se fora

um insistente convite do Espírito do Senhor, que deve ser tomado muito a sério.

A importância do mundo do trabalho

Sabemos que o trabalho, em todas as suas formas, constitui uma experiência fundamental da existência humana. Concorreu para modelar a pessoa e a sociedade, não só externamente, mas no núcleo existencial com que o homem elabora a si próprio e a civilização. Fala-se justamente de um “mundo” e de uma “cultura” do trabalho, para indicar que sua influência ultrapassa a simples produção de bens econômicos. Em torno ao trabalho agregam-se forças diversas, surgem valores e desvalores, elaboram-se normas e relações, amadurece uma visão do homem e do seu destino. É compreensível, assim, que o trabalho tenha atraído a atenção não só dos que buscam estruturar melhor a sociedade mas também dos que anunciam a mensagem divina da salvação.

O Magistério da Igreja interveio frequentemente, neste século, dirigindo-se ora aos trabalhadores, ora aos autores da evolução social, ora aos agentes de pastoral com documentos ricos de sabedoria e perspectivas. Recentemente o Papa João Paulo II brindou-nos uma rica visão magisterial mediante importante carta encíclica.⁸ Ela procura desvendar o sentido humano do trabalho, fundar uma ética renovada, que substitua a já desgastada pelas ideologias temporalistas, e indicar aos cristãos a missão urgente de fazer crescer uma “espiritualidade do trabalho”, enquanto participam, por outros aspectos, nos esforços de todos para a consecução das justas metas que o movimento dos trabalhadores se propõe.

Assim, o trabalho, juntamente com o tema da família, da vida e da liberdade civil, passa a fazer parte do conteúdo da visão pastoral do

8. *Laborem Exercens*,
14.9.1981

Homem que o atual Papa inaugurou com a *Redemptor Hominis*.

A Congregação jamais permaneceu insensível diante de tais urgências e hoje se esforça por responder a tais apelos. Nos últimos meses (desde 1980) desenvolveu-se em algumas áreas uma crescente reflexão sobre a presença salesiana no mundo do trabalho; recolheram-se estatísticas, fizeram-se encontros, elaboraram-se Projetos Educativos específicos. As densas reuniões da Espanha (setembro de 1981) e da Itália (fevereiro de 1982), seguiu-se um Congresso europeu sobre a nossa missão entre os jovens trabalhadores da Europa (maio de 1982), e depois a reunião da região do Prata (agosto de 1982), em Buenos Aires.

Trata-se, com efeito, de um tema particularmente vinculado com o nosso tipo de ação evangelizadora, com a dimensão laical da nossa comunidade apostólica, com os destinatários preferenciais da nossa missão e com o pedido angustiado sobretudo da nossa presença entre os povos mais necessitados.

Releitura das origens salesianas

Vale a pena recordar o passado para orientar o futuro.

Dom Bosco lançou-nos em órbita. Vemos que uma estreita afinidade ligou o nosso Pai ao mundo do trabalho; do contexto rural aos inícios urbanos da época pré-industrial e industrial.

Os problemas de emprego e de ocupação para sobreviver eram rotineiros na família Bosco quando João veio à luz. Os últimos estudos históricos reconstruíram os movimentos dos antepassados de Dom Bosco em busca de emprego, aluguel de terra e prestação de serviço. Joãozinho nasce e cresce familiarizando-se com

os temas e as experiências de trabalho rural, percebidas do ponto de vista de quem deve sofrer as consequências de uma situação desfavorável, ainda que vivida e aceita como situação normal de vida.

Sua infância é dominada por essas realidades, e os fatos lembrados na sua autobiografia (morte do pai, primeiros estudos) estão fortemente vinculados com o trabalho, como aliás toda a vida dos camponeses. Nos dez anos de vida transcorridos em Chieri como estudante, ganhou o pão trabalhando. Vêm em seguida os anos do seminário, que representam uma quase total dedicação ao "estudo", sem diminuir, entretanto, o seu interesse, nos períodos estivos, pelo trabalho manual; percebia-lhes a dignidade, e neles exprimia sua praticidade criativa.

Os primeiros anos de *sacerdócio* e sua opção de ser "missionário da juventude" colocam-no em contato com turbas de jovens tarefeiros, que vinham procurar trabalho na cidade de Turim, que ia crescendo, enfrentando destarte os fenômenos de uma era já pré-industrial: migração, trabalho juvenil, exploração, ignorância.

O desejo de enfrentar os problemas de vida dos jovens leva-o a tomar iniciativas destinadas a resolver os problemas mais urgentes do presente, enquanto vai amadurecendo decisões mais substanciais para a promoção humana, cultural, espiritual desses jovens, contribuindo humilde mas concretamente para a transformação da sociedade.

O primeiro *Oratório* aberto a todos foi na realidade, acima de tudo, uma iniciativa para os jovens trabalhadores. O menino sobre o qual começou a edificar a obra moral e religiosa do Oratório apresenta esta carta de identidade: Bartolomeu Garelli, órfão, analfabeto, emigrante, ajudante de pedreiro. "De modo

geral — escreverá Dom Bosco — o Oratório era formado por canteiros, pedreiros, estucadores, calceteiros, gesseiros e de outros que vinham de povoados distantes”.⁹

9. Cf. *Memórias de Oratório* 9

A população oratoriana estava de tal modo caracterizada que no ano 1842 celebrou-se solenemente no Oratório a festa do pedreiro.¹⁰ Em favor dos pequenos trabalhadores Dom Bosco empreenderá, com outros sacerdotes, a escola noturna e iniciativas de educação social, os contratos de trabalho e as visitas no lugar de trabalho.

10. Cf. *id.* 97

A atenção aos jovens “aprendizes”, como então se dizia, fez amadurar uma segunda fase. Consistiu em oferecer-lhes uma residência. Os jovens endereçados ao trabalho viviam com Dom Bosco e iam à cidade para aprender um ofício, da mesma maneira como os estudantes iam receber aulas de determinados professores. Interessa aqui lembrar o íter seguido por Dom Bosco em favor dos seus “aprendizes”. À saída para a cidade seguiu-se a criação das oficinas na própria casa, uma humilde e corajosa epopéia em pequena escala. Inicia-se em 1853, ano em que nasce uma sapataria com alguns metros quadrados à disposição, com os instrumentos mais simples e baratos, poucos alunos e Dom Bosco como mestre. “Com a ajuda de benfeitores, comprados alguns banquinhos e os apetrechos necessários, colocou a oficina de sapateiro num pequeno corredor da casa Pinardi, junto à torre da igreja... Quando os estudantes estavam em aula na cidade, Dom Bosco sentava-se no banquinho para ensinar a trabalhar com a soveia e o barbante untado de breu para remendar os calçados”.¹¹

11. *Memórias Biográficas* 4, 659-660

Esse corajoso período de busca encerra-se em 1862, ano em que o “modelo” das primeiras escolas salesianas assume fisionomia própria. A história está repleta de casos, iniciativas e peripécias que os limites desta carta não permitem

lembrar. Sorrimos ao pensar que a primeira alfaiataria nasceu nos ambientes que ficaram livres após a mudança da velha cozinha, e que teve como primeira mestra Mamãe Margarida!; faz-nos também sorrir a precária instalação da tipografia sobre a qual Dom Bosco fundava seus sonhos de editor e publicista.

Tratava-se de oficinas incipientes, cujo primeiro e total responsável era Dom Bosco. Haviam nascido dos múltiplos e convergentes pedidos feitos naquela comunidade juvenil e naquela casa, já berço de uma Congregação projetada para espalhar-se pelo mundo: prover à inserção cristã dos meninos do mundo do trabalho, reduzir os custos daquela colméia juvenil, apoiar os planos apostólicos e prover ao alargamento das estruturas de uma Congregação em expansão. Cada oficina marca uma etapa não só da evolução educativa em Dom Bosco, mas também da aquisição de uma concreta capacidade técnica a serviço da sociedade.

A princípio o pessoal era externo, e Dom Bosco com eles tentou diversos contratos, chegando à conclusão de que a eficácia educativa e a possibilidade de crescimento só podiam ser adequadamente sustentadas com pessoal religioso. Pensou então numa proposta e itinerário vocacional para os aprendizes do mundo do trabalho (o Salesiano Coadjutor), como fazia com os estudantes no âmbito do ministério eclesial.

A fase final é a da escola de artes e ofícios com pessoal, fisionomia, projeto educativo próprios, coroada no Capítulo Geral IV. A figura do Salesiano Coadjutor tinha já um perfil e a nossa Congregação, após uma experiência de quase trinta anos, recolhia no documento "Orientação a ser dada à parte operária nas casas salesianas e meios de desenvolver a vocação dos jovens aprendizes" o conjunto de orientações e programas: amadureciam os germes organizativos que

haviam nascido com o primeiro regulamento das oficinas (ano 1853).*

Por ocasião da morte do Fundador, a Sociedade de São Francisco de Sales, então também intensamente missionária, apresentava-se com tipos vários de atividade educativa. Mas dois a caracterizavam a ponto de estarem estreitamente ligados à sua imagem e à consciência dos que levavam a Obra para outros países: o "Oratório", e a "Escola profissional".

Dom Bosco havia levado a termo a sua resposta a uma urgência e deixava sólidas orientações para uma eficaz atuação apostólica dos Salesianos entre os jovens aprendizes: um modelo de escola (Valdocco); um projeto educativo (o Documento do Capítulo Geral IV); alguns princípios de organização (Regulamento das oficinas); um encargo a nível de direção geral (Conselheiro profissional); uma figura de membro da comunidade salesiana pensada particularmente em função dessas presenças, embora aberta a variadas possibilidades outras (o Irmão Coadjutor); um espírito peculiar e adequado que compreende, em particular, a profissionalidade, o trabalho, o espírito de sacrifício, o sentido social.

Seria interessante percorrer a evolução que aconteceu na Congregação após a morte de

* De 1853 é o REGULAMENTO para os *Mestres* (MB IV 661)

Do mesmo tempo, mas com data não definida porque recebeu diversos acréscimos com o correr do tempo, é: "O PRIMEIRO PLANO DE REGULAMENTO PARA A CASA ANEXA AO ORATÓRIO DE SÃO FRANCISCO DE SALES". Já trata de:

- O Assistente de oficina — Cap. V, art. 9.
- Responsável de oficina — Cap. VII, art. 1.
- Mestres de oficina — Cap. IX.

Entre 1853 e 1861 aperfeiçoa-se a regulamentação (MB IV 735-755).

Dom Bosco e na primeira metade do nosso século, história que em muitos lugares assume características de pioneirismo e de atenção ao progresso técnico e pedagógico.

Impressiona uma coincidência. Em grande parte dos novos Países que desejavam a presença salesiana, a obra preferida era a escola profissional.

Não seria difícil descobrir qual é o conjunto de fatores que determinaram os momentos felizes de crescimento e desenvolvimento e os tempos de estagnação, e, em alguns casos, de mudança de direção ou de involução em algumas regiões.

A sensibilidade de Dom Bosco pelo mundo do trabalho inclui também o seu vivo interesse com relação a certos fenômenos a ele ligados, tais como a emigração para outros continentes, as vicissitudes dos incipientes problemas sociais e as múltiplas iniciativas de tipo cultural e de evangelização das classes populares.

Trata-se de propensão inata

A experiência espiritual e apostólica do Fundador e a opção da Congregação na história sucessiva guiam-nos na reflexão sobre os compromissos concretos da nossa missão. À luz das circunstâncias hodiernas, sobretudo em vista da juventude dos povos mais necessitados, descobrimos na nossa Vocação, entre outros valores, uma afinidade carismática ou uma congênita proximidade ao fenômeno do trabalho e às necessidades dos jovens que a ele se encaminham.

Percebemos, dentro de uma predileção fundamental pela juventude, sobretudo mais necessitada (e sem esquecer outras características da nossa missão), uma inclinação, diria, vocacionalmente conatural para o complexo mundo do trabalho no qual urge fazer brilhar o Evangelho

e que hoje se impõe como uma exigência prioritária dos tempos.

Reconhecemo-lo quer na consideração da nossa “*missão*” específica, quer no “*espírito*” peculiar que nos anima, como na própria “*forma*” da Congregação e nos pedidos atuais de urgentes “*opções pastorais*” neste setor. Vamos ver brevemente como.

• Podemos primeiramente perceber essa inclinação congênita, aprofundando a nossa *missão específica*. Desde o manuscrito constitucional de 1859, os jovens “encaminhados para alguma arte ou ofício” e as presenças a eles destinadas vêm mencionadas logo em segundo lugar entre os destinatários e as obras da Congregação, imediatamente após os Oratórios. Essa colocação conserva-se sucessivamente em todas as reformulações. As Constituições atuais, após se referirem de forma geral aos adolescentes e aos jovens como destinatários da nossa missão, esboçam a figura do jovem encaminhado ao mundo do trabalho: “Os jovens da classe popular que se encaminham ao trabalho, se bem que não vivam em condições de miséria, acham muitas vezes difícil inserir-se na sociedade e na Igreja. Imitando a solicitude de Dom Bosco pelos aprendizes, levamo-los a assumir seu lugar na vida social, cultural e religiosa de seu ambiente”.¹²

Essa preocupação de compromisso estende-se também aos adultos das classes populares. Deles assim nos diz o Capítulo Geral Especial: “Não somos enviados para uma ação direta a qualquer categoria indiscriminada de adultos. Mas é bem claro que somos enviados aos adultos do “povo humilde”. Essa categoria designa hoje “ambientes específicos, diferentes uns dos outros, rurais, de migração”.¹³

Entre os conteúdos da missão, conteúdos que envolvem simultaneamente a evangelização e a promoção humana, diz-se expressamente: “Oferecemos, segundo as circunstâncias, o pão

12. Constituições 11

13. Atos do Capítulo Geral Especial n. 54

do corpo, a competência profissional, a cultura intelectual".¹⁴

Dentro da variedade e criatividade com que a Congregação se empenhou em vários Países, há "tipos" de presenças entre os jovens especialmente vinculadas ao mundo do trabalho; elas atravessaram tempos e fronteiras e constituem uma verdadeira "característica salesiana".

- Percebemos, além disso, essa inclinação, analisando *a originalidade do nosso espírito*. Baseia-se de maneira tão concreta na operosidade, que nos aproxima, diria quase por natureza, da praticidade do trabalho para encontrar nele uma apropriada encarnação apostólica.

Verdade é que, no âmbito do nosso espírito, Dom Bosco com o termo "trabalho" entende significar toda forma apostólica e de serviço na ocupação do tempo: por certo é trabalho, também, pregar, escrever, estudar, administrar os sacramentos (especialmente ouvir confissões), etc. Mas é igualmente verdade que o nosso Fundador levou aos altares a maneira de viver e os valores do bom povo trabalhador do seu tempo, secularmente cristão, com uma cultura já em lento declínio, mas verdadeiramente impregnada de Evangelho (alacridade, sacrifício, serviço, praticidade, competência, solidariedade, religiosidade etc.), para que nos tornássemos "profecia" viva de determinadas virtudes, que devem permanecer e adaptar-se ao irrequieto e crescente novo mundo do trabalho. Ele experimentou, de fato, a originalidade do seu espírito também num contínuo contato apostólico com os jovens aprendizes mais necessitados. Assim, no espírito de Dom Bosco, a insistência sobre os valores humanos e cristãos do trabalho assume ressonâncias práticas, de significado manual e técnico, que levará vitalmente a Congregação a interessar-se generosamente pela evangelização de uma época que nasce marcada justamente por um crescimento do trabalho humano.

15. Cf. *Memórias Bibliográficas* 12, 466-467; 13, 326

16. *Constituições* 87

O “trabalho”, juntamente com a “temperança”, constituirá o lema da Congregação.¹⁵ “O trabalho assíduo e sacrificado — dizem-nos hoje as Constituições — é uma característica que nos foi legada por Dom Bosco e é expressão concreta da nossa pobreza. Na quotidiana operosidade, associamo-nos aos pobres que vivem da própria laboriosidade e testemunhamos aos homens de hoje o sentido humano e cristão do trabalho”.¹⁶

Esse espírito peculiar, que admira e assimila os valores do trabalho em geral, nos dá e alimenta em nós uma especial sensibilidade apostólica para as urgências juvenis no mundo do trabalho.

Levou nosso Pai a forjar uma pedagogia concreta de encaminhamento ao trabalho: “Lembra-vos, queridos jovens — dizia —, que o homem nasceu para trabalhar!”. E em seguida propunha-lhes o trabalho, não como castigo, mas como valor intrínseco ao desenvolvimento integral da própria pessoa, portanto da própria retidão moral e da própria capacidade de amar.

A Congregação cresceu nesse clima. Com razão o Capítulo Geral 21, falando da especificidade da presença salesiana na escola, enumera, entre as constantes que a devem caracterizar, a seguinte: “*Escola de trabalho* porque ensina a viver a característica espiritual do trabalho, mantém ligação habitual e cordial com o mundo do trabalho; mas, sobretudo, porque em muitos lugares realiza cursos de alfabetização e cursos noturnos para trabalhadores; prepara, com a formação profissionalizante, os jovens aprendizes a entrarem no mundo do trabalho, com uma qualificação”.¹⁷

17. *Atos do Capítulo Geral* 21, n. 131 - 2.3.6

• Mais ainda. Para compreender essa propensão inata devemos considerar também a própria forma da Congregação. Ela é constituída de “eclesiásticos e leigos”, comporta a presença

substancial de “mestres”, de “técnicos” e de “aprendizes”, que lhe imprimem uma fisionomia de vida e de ação própria. Já tive a oportunidade de falar amplamente sobre “O componente leigo da comunidade salesiana”.¹⁸

É oportuno sublinhar que se trata de uma peculiaridade da própria “forma” da nossa Congregação, e não de um aspecto que diria respeito simplesmente a um grupo de Irmãos.

“A nossa Vocação, radicalmente comunitária — dizia então —, exige uma comunhão efetiva não apenas de fraternidade entre as pessoas, mas também, e de modo altamente exigente, de mútua referência dos seus dois componentes fundamentais: o ‘sacerdotal’ e o ‘laical’... eles se desenvolvem numa simbiose comunitária, segundo uma dosagem harmônica que procura compenetrar a partir de dentro um com o outro no projeto daquela genial modernidade e missão comum que constitui ‘a índole própria’ da nossa Congregação religiosa”.¹⁹ Ela sempre implicou uma comunhão de vida, na qual o Salesiano Coadjutor desenvolve também atividades tipicamente pastorais, e o Salesiano Sacerdote uma espontânea capacidade de trabalho também manual, que, algumas vezes, especialmente em regiões de missão, é digna de quanto os Beneditinos fizeram em outras épocas da história.

O componente leigo impregna a própria forma da Congregação e, por consequência, dá um toque concreto à vida e missão de todos nós. Não se trata simplesmente de uma colaboração “lateral” por parte de um grupo, mas de uma orientação “intrínseca” ao nosso tipo de comunidade apostólica, com uma função pastoral, que inclui uma específica “consciência de abertura secular”²⁰, que estimula vocacionalmente (e, por isso, comunitariamente) a interessar-nos seriamente pelos graves problemas juvenis do mundo do trabalho.

18. Atos do Conselho Superior n. 298, out.-dez. 1980

19. id. p. 6

20. id. p. 31 ss

O apelo é urgente! Com efeito, como vos dizia, “a civilização da sociedade industrial... é rica de técnica, mas pobre de sabedoria: aberta ao consumismo e fechada ao sacrifício: ela enche sobretudo o mundo do trabalho de uma atmosfera materialista muito subtil e penetrante”.²¹

21. id. p. 37

• E, por fim, podemos considerar essa inclinação na nossa especial sensibilidade para a *atual urgência de determinadas opções pastorais* em tal setor. Os nossos últimos Capítulos Gerais propuseram-nos critérios concretos de renovação.

O Capítulo Geral Especial insiste sobre “uma atenção para com a realidade social e histórica do mundo dos operários; o esforço para descobrir-lhe os valores educativos, humanos e evangélicos; a preocupação de colaborar com os movimentos que se voltam para a evangelização desse ambiente”.²²

22. Ato do Capítulo Geral Especial n. 74

Lembra-nos que “a ação pastoral e de testemunho no meio dos trabalhadores é um dos empenhos que caracterizam nossa vocação a serviço das classes mais necessitadas. Os sacerdotes e irmãos que forem chamados a esta missão devem, primeiramente, aprofundar o conhecimento das massas operárias, dos seus problemas, anseios e aspirações, das causas da sua atitude perante a Igreja e a Fé”.²³

23. id. n. 413

E o Capítulo Geral 21 exorta-nos a ser especialistas da condição juvenil e a dar às Igrejas locais a contribuição de uma ação concreta, levando em grande consideração “a pertença ao mundo do estudo ou da fábrica, ao mundo do campo ou do emprego. Ter-se-á cuidado especialíssimo dos meninos e jovens que vivem em contexto de subdesenvolvimento econômico e de marginalização”.²⁴

24. Ato do Capítulo Geral 21 n. 29

Além disso, o Capítulo Geral 21 faz refletir sobre a direção em que se deve orientar aposto-

licamente a Comunidade salesiana, em atenção a certas propensões concretas do seu componente leigo; com efeito, o mundo do trabalho constitui o setor mais significativo para o Salesiano Coadjutor: "Se se olhar para a importância e incidência que o 'mundo do trabalho' tem em muitas nações, é claro que as atividades relativas à área do trabalho não são as únicas, mas certamente das mais significativas para a ação apostólica do Salesiano Coadjutor nesses lugares... Já Dom Bosco havia relevado que uma das tarefas características do Salesiano Coadjutor devia ser a de animar cristãmente o mundo do trabalho".²⁵

25. *id.* n. 183; cf n. 184

Como vedes, pois, queridos Irmãos, há, na nossa Vocação, uma verdadeira inclinação congênita, que nos impulsiona a cultivar peculiar atenção à juventude mais necessitada do mundo do trabalho. E é o caso de perguntar se Nosso Senhor não chama, hoje, a Congregação a privilegiar, pela sua imensa atualidade, este campo de compromisso apostólico.

Um olhar às nossas atuais obras revela uma gama interessante e vária de presenças físicas neste setor: escolas profissionais e agrícolas, internatos para jovens operários, centros juvenis, paróquias, animação de movimentos especializados, centros promocionais e outras múltiplas atividades confiadas a pessoas que operam individualmente com o apoio das respectivas comunidades. Os programas são diversos. A finalidade é única: levar a mensagem de Cristo a libertar e a aperfeiçoar o trabalho humano.

O "Evangelho do trabalho"

Infelizmente parece que há anos o Evangelho parou à soleira dos numerosos e vastos ambientes do trabalho, embora atinja ainda muitos trabalhadores em suas famílias e em outros setores privados e individuais. Com razão, pois, a

26. *Laborem Exercens* 7,
26

Laborem Exercens propõe como tarefa importante dos fiéis, hoje, o saber proclamar o “Evangelho do trabalho”²⁶ para procurar um novo modo de pensar, avaliar e agir, e dar ao trabalho o valor que tem aos olhos de Deus.

O Papa insiste, portanto, na proclamação do Evangelho do trabalho. Mas que é que exige o saber anunciar esse “Evangelho”?

• Em primeiro lugar, exige-se *reconheça a consistência própria e objetiva do mundo do trabalho*, seja como fator de humanização pessoal e social e de progresso, seja nas suas ambivalências e perigos, seja nas hegemonias ideológicas predominantes que o deturpam. Ele é a manifestação histórica da vocação do homem no universo. Não é uma matéria amorfa, ordinária e fácil, sem emergência com relação às outras: a tarefa de uma adequação dela à ética e às exigências da caridade é assaz difícil.

Não basta propor uma vaga moral do “dever de estado”. Tem suas leis, suas relações, suas vantagens e a sua racionalidade intrínseca que desaguou no fenômeno, de maneira alguma secundário, que chamamos de “técnica”.

“Se as palavras bíblicas, ‘submetei a terra’, dirigidas ao homem desde o início, são entendidas no contexto de toda a época moderna, industrial e pós-industrial, então, sem dúvida, elas encerram em si uma relação com a técnica... que é o fruto do trabalho da inteligência humana e a confirmação histórica do domínio do homem sobre a natureza”.²⁷

27. *id.* 5

O Evangelho do trabalho mais que uma temática particular implica a “pastoral da sociedade industrial”, à qual é mister reconhecer sinceramente um lugar na história do crescimento do homem, no qual relações e costumes típicos das sociedades rurais mudaram e não necessariamente contra o homem. O Evangelho do trabalho é também mensagem profético-crí-

tica do progresso humano e das tecnologias. Enquanto não formos capazes de entrar neste vasto e dramático mundo, não seremos capazes sequer de evangelizá-lo, assim como não foi possível evangelizar o mundo rural, enquanto a Igreja não se inseriu nos seus dinamismos e na sua mentalidade.

• Mas dentro da complexidade e dos problemas desse “mundo” *deve-se destacar o lugar central do Homem* como sujeito, origem e finalidade do todo: “Quer isto dizer que o primeiro fundamento do valor do trabalho é o próprio homem... Chega-se, pois, a reconhecer justamente a preeminência do significado subjetivo do trabalho sobre o objetivo”.²⁸

28. id. 6

Ele deve ser destacado a nível de reflexão humana, e a palavra de Deus o ilumina de maneira determinante, fazendo que se tornem as “conclusões do intelecto” uma “convicção de fé”.²⁹

29. id. 4

Jesus Cristo veio para encarnar-se numa história humana real, e não num consórcio humano ideal e abstrato. *Em Cristo revela-se o plano de Deus* e o projeto histórico e eterno do Homem verdadeiro e completo. “Sendo Deus, tornou-se semelhante a nós em tudo, dedicou a maior parte dos anos da sua vida sobre a terra ao trabalho manual, junto a um banco de carpinteiro. Esta circunstância constitui por si mesma mais eloquente ‘Evangelho do trabalho’”.³⁰

30. id. 6

O Seu não é apenas um exemplo moral, mas a primeira revelação do genuíno plano de Deus sobre o Homem e a sua presença salvífica dos nossos esforços de domínio e transformação da criação.

Por isso, o trabalho incorporado à existência de Cristo ontem e hoje adquire uma outra densidade. O mistério da sua morte e ressurreição³¹ dá ao trabalho um sentido definitivo;

31. Cf. id. 27

os seus resultados, inspirados pelo amor ao Homem e pela obediência ao Pai, sugeram os confins do tempo.

• Por fim, do “Evangelho do trabalho” emerge a exigência de *uma espiritualidade*, tarefa principal da Igreja.³² A descontinuidade, de per si intransponível, que há na criação entre “matéria”, “espírito” e “graça ou vida divina” requer a presença ativa do homem para dar ao mundo um verdadeiro sentido de unidade orgânica e de admirável transcendência. É no homem, como num núcleo atômico, que o Criador condensou a unidade orgânica e dinâmica de “matéria”, “espírito” e “transcendência divina”: somente ele é capaz de explicitar na história o projeto integral de Deus sobre a criação.

A espiritualidade, portanto, não se deve entender como um extrato mais ou menos subtil de ações ou palavras religiosas a serem aplicadas a uma realidade estranha, como se se tratasse de dourar uma estátua de bronze; deve entender-se, ao invés, como uma fermentação de “espírito” e de “graça” no interior concreto das suas características e exigências, sem diminuir a justa autonomia que as caracteriza, mas fermentando-as com a caridade do Espírito.

Os pontos principais de semelhante espiritualidade acham-se descritos na *Laborem Exercens* nos números 24-27; capacidade de leitura e de participação do plano de Deus na história, competência e compromisso nela, decidida tomada de posição por parte do homem, transfiguração do mundo e sua oferta ao Pai, união com o amor redentor de Cristo.

“É preciso que especialmente na época atual *a espiritualidade do trabalho manifeste a maturidade* que exigem as tensões e inquietudes dos corações. Os cristãos portanto não somente não pensam em contrapor as conquistas do engenho e da potência do homem à potência de Deus...;

32. Cf. id. 24

mas ao contrário eles estão persuadidos de que as vitórias da humanidade são sinal da grandeza de Deus e fruto do seu inefável desígnio”.³³

33. *Id.* 25

Eis: é isso, precisamente, o que andava repensando em minha viagem ao considerar a necessidade de iluminar com uma adequada mensagem evangélica o trabalho humano e o progresso técnico para resolver certos problemas graves de desigualdade.

Há um Evangelho e há uma Espiritualidade do trabalho que devem crescer com urgência nas consciências. O progresso técnico, fruto da inteligência humana, não é, de per si, o inimigo dos pobres; tem necessidade, porém, da mensagem evangélica para tornar-se amigo deles!

O Evangelho (o educador) age em contextos concretos, segundo exigências do momento, mas como o “fermento” superior que transcede a história e a contingência momentânea (mesmo sem desarraigar-se e abstrair-se delas). De modo que, quem olha a Igreja, os Santos e em particular Dom Bosco com sua contribuição específica ao mundo do trabalho, é obviamente levado a notar que a intervenção evangelizadora e educadora se une — pela metade e fim do 800 — a perspectivas agrárias, artesanais, quando muito “pré-industriais” ou se quisermos “neo-industriais”. Mas sem se limitar preconceituosamente a tais limites. Dom Bosco (e mais do que nunca o Evangelho de que ele é portador) lançou-se no mundo do trabalho no sentido mais aberto, nas perspectivas mais progressistas e ricas de futuro, portanto sintoniza também com a era pós-industrial caracterizada pelos computadores, pela telemática, pelas tecnologias mais sofisticadas e avançadas que parecem quase substituir-se à mão do homem para, ao invés, empenhar-se a inteligência na criatividade e funcionamento das próprias técnicas...

Não se trata de ligar a evangelização e a educação do mundo do trabalho nem ao arte-

sanato primitivo nem ao último desenvolvimento tecnológico; mas de propor a libertação de Cristo e a promoção do Homem em qualquer situação, a todos os níveis e fases do fenômeno “trabalho”.

Assim o Salesiano, disponível para o trabalho “primitivo” (agrário, pré-industrial e artesanal, neo-industrial...) no Terceiro Mundo e onde for mister, está também disponível para o trabalho nas mais avançadas situações de desenvolvimento nas quais os jovens são chamados a inserir-se.

Com particular atenção, o Salesiano sabe que sobretudo aos pobres deve ser anunciada a boa nova. Consiste ela em libertar sempre mais, e em realizar o direito dos marginalizados a conquistarem por sua vez o uso dos bens e das tecnologias que não são absolutamente patrimônio somente das sociedades mais industrializadas da terra. De modo que (e é também um conceito de “missão” a ser aprofundado) a “boa nova” a ser anunciada é — para o Salesiano empenhado no mundo do trabalho — a promoção do homem, a sua habilitação ao trabalho, a conscientização do direito à técnica, a destinação dos bens econômicos para todos como irmãos, a pregação da igualdade dos filhos de Deus, juntamente com quanto é mais essencial para o Evangelho: a salvação integral da pessoa e da humanidade.

Desafio apaixonante e inevitável

O mundo do trabalho está aberto a muitos jovens, tanto nas sociedades subdesenvolvidas como nas mais progredidas. A condição deles nos interpela. Os jovens encaminhados ao mundo do trabalho requerem a ajuda de uma educação integral para se inserir sem traumas em situações difíceis e problemáticas e para compreender e viver a mensagem autêntica de Cristo num

contexto que, à primeira vista, se lhes apresenta quase como incompatível. Há todo um conjunto de fatores e condicionamentos objetivos (aperfeiçoamento progressivo dos meios e dos sistemas de trabalho, variabilidade e novidade nas profissões) que exige, especialmente nos países de maior desenvolvimento, sempre melhores níveis de preparação profissional e requer flexibilidade e capacidade de adquirir novos conhecimentos e técnicas renovadas. A isso acresce uma verdadeira erosão da ética tradicional do trabalho, à qual foi sucedendo uma visão utilitarista do indivíduo, dos grupos ou do Estado, pelo que o trabalho é apenas instrumento de bem-estar a vários níveis e causa de duros conflitos. As desigualdades, os abusos, os desencontros, os ódios, as violências levaram de fato a uma dura e contínua conflitualidade, terrivelmente necessitada de justiça, verdade e fraternidade.

A pesada mole desses problemas e situações foi despertando a consciência dos trabalhadores. Vai-se exigindo uma redefinição do trabalho humano, considerando-o não já como intervenção material na produção dos bens, mas também como verdadeira participação ativa e consciente no próprio processo produtivo e no conseqüente progresso sócio-cultural. O que significa poder intervir na determinação das finalidades e da justa destinação dos produtos e da inserção da própria prestação num conjunto social de fraternidade. Por isso a educação para o trabalho necessita hoje também de ampla formação social para a consciência política e para a comunhão e participação civil.

Ser trabalhador, com efeito, implica hoje mais do que nunca ter um sentido social da justiça e saber tomar parte ativa na construção da cidade conhecendo o significado humano e a utilidade da própria contribuição.

Se não se tomar em consideração este amplo, novo, delicado e difícil aspecto da educa-

ção, produzir-se-á uma separação ou cisão entre a preparação dos jovens e uma condição social que evolui continuamente.

Em resumo: entrando no mundo do trabalho, a juventude encontra-se, nas sociedades subdesenvolvidas como nas desenvolvidas, ainda que de maneira diferente, com fenômenos que põem em dura prova a sua qualidade humana e de cidadão e a sua fé cristã, e que agigantam a dificuldade de reduzir a síntese existencial, as necessidades pessoais, as instâncias sociais e as exigências do Evangelho.

Este simples e mui incompleto esboço de quadro ambiental lança um desafio apaixonante à nossa tarefa educativa e de catequese, suposto que a intervenção formativa salesiana não seja simplesmente uma área de estacionamento, na qual os jovens param antes da sua vida real.

É inevitável para nós aceitarmos, em solidariedade comunitária, o desafio, por árduo e exigente que seja. Devemos aprofundar e fazer progredir a reflexão educativo-pastoral que nestes anos, sobretudo depois do Capítulo Geral 21, nos esforçamos por promover, isto é: um progresso educativo pensado, amadurecido e continuamente atualizado. Devemos sentir-nos chamados a ser freqüentadores e colaboradores, mesmo que humildemente mas com grande esperança, da elaboração de uma nova e verdadeira "cultura do trabalho". Isto significa esforço permanente de informação, de discernimento e de confronto crítico com relação a tudo o que nasce e se exprime no mundo do trabalho, superando certa ignorância sistemática e o juízo habitudinário e leviano.

Mas uma cultura do trabalho, elaborada por educadores, não pode reduzir-se a belas palavras; deve ser traduzida numa *metodologia pedagógica* que repensa a organização da instituição educativa (o funcionamento de uma apropriada "comunidade educativa"!) e procura

praticamente uma orientação formativa unificante entre preparação técnica, visão humanista da existência e projeto cristão de vida.

Reatualizando com constante empenho o Sistema Preventivo, como metodologia pedagógica que procura uma síntese vital entre fé e trabalho, um diálogo constante entre Evangelho e técnica, para formar firmemente nos jovens aprendizes uma adequada mentalidade cristã.

Foi observado, com razão e há muitos anos, que os catecismos para a juventude, que circulavam e circulam, empregam uma linguagem e procuram iluminar antes as experiências do jovem estudante, ao passo que se mostram um tanto afastados da realidade do jovem trabalhador.

Merecem ser louvados, pois, os esforços que vários Irmãos, em diversas regiões, fizeram ou estão a fazer para propor convenientemente aos jovens aprendizes o Evangelho do trabalho.

Projeções práticas da nossa "dimensão laical"

O desafio é verdadeiramente vasto e apaixonante.

Todos, no Povo de Deus, nos sentimos interpelados, mas o problema é imenso. A Igreja inteira procura enfrentá-lo entre dificuldades sem conta. Nós, Salesianos, somos por certo chamados a colaborar. As nossas forças são pequenas: parece-nos ter na mão apenas as cinco pedras de Davi. Meditemos e peçamos, com insistência, mais ardor de esperança e mais iniciativa de caridade ao Criador, para fazer crescer em nós a magnanimidade prática e empenhadora que guiava a genialidade apostólica de Dom Bosco. Estamos certos de que, "por meio de Jesus Cristo, no poder do Espírito Santo", Deus Pai faz viver e santifica o universo.³⁴ Assumamos com coragem as nossas responsa-

34. Oração eucarística
3.ª

bilidades e empenhemo-nos! Sejamos, de maneira realista, concretos!

Comecemos por cuidar melhor da “dimensão laical” da nossa Vocação!

Para tal fim quereria concentrar a vossa atenção sobre três projeções práticas que dela derivam.

• Primeiramente com relação aos “*Salesianos Coadjuutores*”. Lembramos acima a importância do componente leigo na própria forma da nossa Congregação. E fizemo-lo para confirmar a nossa propensão inata de empenhar-nos apostolicamente no mundo do trabalho. “A Congregação de S. Francisco de Sales — disse Dom Bosco — é uma reunião de padres, clérigos, leigos, *especialmente aprendizes*, que desejam unir-se juntos, procurando assim fazer o bem entre si e também fazer o bem aos outros”.³⁵

Refletindo sobre este projeto de Dom Bosco um nosso competente estudioso recolheu, alguns anos faz, a documentação produzida até então sobre o Salesiano Coadjuutor para “introduzir historicamente a um rápido e preciso conhecimento da gênese e do desenvolvimento da idéia e da realidade” dessa figura original de Irmão, e para dele tentar “um primeiro e rápido perfil, à luz dos seus compromissos religiosos e educativos essenciais”. Pois bem, resulta muito sugestivo o título que, como descrição sintética do todo, quis dar ao livro: “Religiosos novos para o mundo do trabalho”.³⁶

Penso que é sobretudo nesse famoso mundo do trabalho que se aplica com maior frequência e maiores exigências peculiares de mentalidade específica e de aprofundada qualificação a densa afirmação do nosso Pai: “Há coisas que os padres e os clérigos não podem fazer, e vós a fareis”.³⁷

Como também as afirmações do P. Rua e do P. Albera quando falam do Salesiano Coad-

35. *Memórias* Biográficas 12, 151

36. P. Braido - Roma, PAS, 1961

37. *Memórias* Biográficas 16, 313

jutor: “uma das necessidades maiores *da sociedade moderna* — fala o P. Rua — é educar cristãmente o operário”;³⁸ as vocações de Salesianos Coadjuutores “são uma das necessidades mais imperiosas para a nossa Pia Sociedade, a qual sem elas — escreve o P. Albera — não poderia conseguir *as altas finalidades sociais* que lhe são impostas pelos tempos”.³⁹

Portanto, uma primeira exigência concreta, ao refletir sobre o papel que toca a nós Salesianos no mundo do trabalho, é que toda a Congregação tome a sério a necessidade de *rever e renovar profundamente a nossa mentalidade* a respeito do componente laical da Comunidade Salesiana, e conseqüentemente fazer conhecer, promover e consolidar sempre mais a figura do Salesiano Coadjutor.

Esse empenho exige, na sua base, nada menos que *uma verdadeira mudança de mentalidade*: procurei descrevê-lo na já citada circular de 1980.⁴⁰ Seria oportuno relê-la com atenção para meditar sobre seu conteúdo enriquecedor e suas exigentes conseqüências. A dimensão laical da índole própria de nós Salesianos é um aspecto essencial que atinge intimamente todo Irmão (não só o Salesiano Coadjutor), porque é um elemento vital do nosso modo de “ser comunitário” e da nossa ação apostólica. A figura do Coadjutor estimula-nos a lembrar uma modalidade explícita e típica do nosso apostolado na Igreja e a empenhar-nos com todas as forças para superar uma crise que nos mutila, causando-nos muita pena e cortando as asas de nossa possibilidade de ação.

• Mas devemos também considerar um segundo aspecto: a importância e o papel dos *numerosos Leigos* seja na Família Salesiana seja no vasto âmbito de simpatia e de colaboração que a circunda.

A Congregação insiste, há anos e de maneira coerente, sobre o papel eclesial deles e

38. *Lettere Circolari* di Don Michele Rua ai Salesiani - Turim 1965, p. 207 - circular de 24. 6. 1898

39. *Lettere Circolari* di Don Paolo Albera ai Salesiani - Turim 1965, p. 505 - circular de 15. 5. 1921

40. *Atos do Conselho Superior* n. 298

sobre suas multiformes capacidades de participação e colaboração. A validade da presença deles, o fundamento da sua inserção, a necessidade de formação contínua, as relações entre eles e as nossas Comunidades foram temas repisados em dissertações e projetos.

Recentemente *um novo Documento da Santa Sé*, “O leigo católico, testemunha da fé na escola”,⁴¹ ajuda-nos a sintetizar quanto se vinha recomendando. Ele nos proporciona um reforço autorizado do que nestes anos se vinha repetindo, isto é, que a presença dos Leigos, conquanto se originasse da necessidade de pessoal qualificado, dados os níveis e a quantidade dos compromissos educativos, superou hoje esse motivo inicial e encontra fundamento em considerações teológicas: uma visão de Igreja como comunhão operativa de diversas vocações, uma nova compreensão do agir pastoral, e uma nova consideração do Leigo no interior de ambas.

“O motivo fundamental da importância do laicato católico, que a Igreja considera como positiva e enriquecedora, é de ordem teológica”, diz-nos o Documento;⁴² a sua presença é necessária;⁴³ trata-se de um importante “sinal dos tempos”:⁴⁴ “a presença (na escola católica) de sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos constituirá para o aluno um reflexo vivo desta riqueza, facilitando-lhe uma assimilação maior da realidade da Igreja”.⁴⁵ A vocação educadora envolve o leigo no “dever de formar homens que realizem a civilização do amor”,⁴⁶ através da comunicação da cultura em perspectiva de fé.⁴⁷

Dessa rápida indicação vêm-se desde já quais serão as contribuições dos Leigos nas nossas comunidades educativas: experiência de vida, profissionalidade, testemunho cristão. Vêm-se também quais são os pontos delicados sobre os quais prestar atenção: escolha cuidadosa em função do projeto educativo particular, formação contínua, envolvimento ativo.

41. S. Congregação para a Educação Católica, Roma, 15.10.1982

42. ib. 2

43. ib. 3

44. ib. 4

45. ib. 43

46. ib. 19

47. ib. 20

Recomendo a todas as comunidades um bom aprofundamento desse importante Documento para ser aplicado na prática: não se trata, com efeito, de simplesmente assumir “pessoal externo”, mas de envolver “Leigos” verdadeiramente crentes e, além disso, inspirados na pedagogia de Dom Bosco.

- Com relação justamente à inserção de verdadeiros “Leigos” apresenta-se um terceiro elemento concreto a ser promovido: *o papel animador da Comunidade Salesiana*.

Na atual estrutura educativa, de tarefas complexas, de influências múltiplas, de pluralismo vital, de aberturas indispensáveis, da livre circulação das contribuições, tornou-se necessária e preciosa a função de orientação qualificada, de animação das pessoas e de sábia coordenação do todo. A educação, com efeito, é constantemente ameaçada, por certas ideologias que dominam a opinião pública e certas organizações sociais, mas também por períodos de fragmentação, ecletismo, funcionalismo, e infelizmente, algumas vezes, de incompetência no campo específico.

Uma visão clara e constantemente revista dos valores que se propõe, uma convergência metodológica e, sobretudo, um reforço da qualidade das pessoas são deveres educativos principais, não adicionais.

Os Irmãos responsáveis, ainda que não exclusivamente eles, devem desempenhar com bondade e constância *o ministério de animadores*: é um dever de competência e de conteúdo e não somente de fervor, ou de simples organização. Esse empenho exige um nível mais alto de qualificação profissional, maior clareza com respeito à originalidade da própria missão, profunda consciência da finalidade pastoral do todo, e principalmente uma experiência comunitária de base que torne conatural a participação.

Os Diretores, de modo particular e segundo a tradição salesiana, deverão saber guiar de tal forma a vida da sua casa que transforme os Irmãos em uma verdadeira “comunidade de animadores”.

Algumas sugestões de estratégia para o futuro

De quanto viemos dizendo, emergem não poucas sugestões para as Inspetorias e, de modo especial, para as presenças dedicadas a esse tipo de destinatários. No momento, parece-me a mim interessante sublinhar e recomendar *poucas mas grandes orientações*, que se encontram na raiz de tantas outras.

- A primeira frente de uma estratégia renovada é a *preparação específica* de mais pessoal salesiano para o mundo do trabalho. Foi prerrogativa de longos períodos da nossa história preparar um número notável de Irmãos justamente para este setor. Recentemente, em virtude de uma crise de vocações e também da urgência de privilegiar certos aspectos religiosos e pastorais surgidos na Igreja e na sociedade, as instâncias deslocaram-se um tanto para outros setores, ao passo que este, que já parecia adquirido, ficou um pouco em segunda linha. Assim é que aumentavam outras qualificações e presenças, enquanto permaneceu mais ou menos no “statu quo” a qualificação do pessoal com vistas ao empenho no mundo do trabalho, talvez também pela dificuldade de adequação que ela representa.

Poder-se-ia pensar, à maneira de hipótese estimulante para provocar reações, que enquanto a nossa capacidade de resposta se mantém perante desafios mais simples, o subir do nível das competências requeridas nem sempre nos encontra prontos a responder adequadamente.

A preparação específica dos Irmãos neste campo compreende hoje vários aspectos: a consciência e o sentido pastoral, a sensibilidade para os sinais dos tempos e para os valores da cultura do trabalho, a qualificação profissional, a capacidade de envolvimento do laicato, a perícia na animação sobretudo de comunidades educativas, o diálogo de bairro, a comunhão de Igreja local etc.

Há anos que se fala dessas novas exigências e sem dúvida se caminhou. Hoje podem-se ver exemplos e modelos de comunidades que funcionam com eficiente qualificação dos Irmãos e com boa integração e animação dos colaboradores, com orientação, co-responsabilidade, diálogo no bairro e em comunhão com a Igreja local.

Mas é um fato também que não poucas vezes enfrentou-se a situação apenas como auto-didatas. Louvor a essa gente de boa vontade! Mas será bom fazer com que as programações de formação (inicial e permanente) provejam e provejam, antes preparem, para uma maior competência em todos esses aspectos.

- Uma segunda frente estratégica, igualmente importante, é a revisão das obras, sua *visão de conjunto com um equilibrado desenvolvimento orgânico* nas Inspetorias, em consonância com a identidade e a originalidade salesiana. Refiro-me à quantidade de presenças entre os trabalhadores que cada Inspetoria tem hoje e prepara para o futuro, particularmente de caráter educativo. Sabe-se que em algumas Inspetorias, por obra de um desenvolvimento que se foi processando mais com base apenas em ocasiões que se ofereciam e escolhiam do que em critérios salesianos, nosso empenho no mundo do trabalho foi-se progressivamente apequenando.

É imperioso pensar nisso. Os nossos últimos Capítulos Gerais insistiram que se prefe-

rissem os ambientes populares e neles “aprofundar o conhecimento das massas operárias, dos seus problemas, anseios e aspirações, das causas da sua atitude perante a Igreja e a Fé”.⁴⁸

A descentralização devolveu às Inspetorias, responsabilizando o Inspetor com o seu Conselho, o dever de cuidar da adequação da nossa missão com as necessidades locais, garantindo uma correta encarnação e um equilíbrio harmônico dos nossos vários empenhos apostólicos.

• E, por fim, outra frente vital é a de uma renovada pastoral vocacional em favor do já muitas vezes recordado Salesiano Coadjutor. O futuro das nossas presenças educativas no mundo do trabalho está fortemente ligado, como vimos, à *Vocação do Salesiano Coadjutor*.

A sua figura de Irmão nasceu e exprimiu-se nestas presenças, mesmo sem se limitar a elas. Os períodos mais flóridos das escolas profissionais e agrícolas coincidem também com uma presença quantitativa e qualitativa de Coadjuutores e com o florescimento de ambientes particularmente dedicados à preparação deles: cursos profissionais, encontros e confrontos, permanência no setor etc.

Não estou a repetir quanto foi dito acima: lá falava de “mudança de mentalidade”; falo aqui de “pastoral vocacional” como empenho estratégico de uma Inspetoria.

É, pois, premente, a respeito, a necessidade de pensar corajosamente e com criatividade em iniciativas de pastoral vocacional verdadeiramente renovadas. Através de modelos de experiências e propostas, elas devem colocar diante dos jovens, em toda a sua riqueza e sem necessidade de condicionamentos particulares, esta maneira moderna e genial de ser salesianos.

Toda Inspetoria deve fazer com que os jovens, chamados por Nosso Senhor a esse tipo

de compromisso, encontrem pontos de referência, orientação, animação e assistência para uma opção livre, atraente, clara e alegre.

Nas Inspetorias onde se trabalha neste campo com estruturas concretas e adequadas (aspirantados, comunidades, organizações e grupos apropriados) percebem-se quase imediatamente os frutos.

Voltemos a ouvir o P. Rinaldi: “Façamos conhecer toda a beleza e grandeza do Coadjutor Salesiano e preparemos muitos deles para todas as profissões, artes e ofícios”.⁴⁹

49. Atos do Conselho Superior 24.7.1927, p. 577

Confiança em Nossa Senhora Auxiliadora

E concluímos.

Começamos por falar de uma viagem do Reitor-Mor, particularmente significativa. Lembramos aquela surpreendente volta ao mundo feita por Dom Bosco no sonho missionário de 1885: um longo percurso profético, praticamente no Hemisfério Sul.

De aí, desse hemisfério, ouvimos o clamor do Terceiro Mundo, que vê, entre seus caminhos práticos de saída do desenvolvimento e da desigualdade que o atormenta, um crescimento na competência e na técnica do trabalho, iluminada e guiada pela moralização e pela evangelização do processo industrial em todo o globo. O progresso técnico é um bem em si, mas está engaiolado em estruturas e ideologias não objetivamente éticas, nem muito menos cristãs, que o põem a serviço de egoísmos de grupos e de Estados.

O Papa lembrou-nos o fato de que “o trabalho humano é *uma chave*, provavelmente a *chave essencial*, de toda a questão social, se nós procurarmos vê-la verdadeiramente sob o ponto de vista do bem do homem. E se a solução — ou

melhor, a gradual solução — da questão social, que continuamente se reapresenta e vai-se tornando cada vez mais complexa, deve ser buscada no sentido de 'tornar a vida humana mais humana', então por isso mesmo a chave, que é o trabalho humano, assume uma importância fundamental e decisiva".⁵⁰

Urge, pois, na missão da Igreja, evangelizar com oportuna atualidade a cultura do trabalho. Mesmo adequando-se à situação existencial do pobre (especialmente nas missões e no Terceiro Mundo), é preciso entregar também aos pobres (aos jovens necessitados) as chaves de abertura para um justo progresso ao qual todo homem e todo povo tem direito, para a própria libertação social e espiritual.

E nós, Salesianos, temos, nesse dever eclesial, um lugar nosso, humilde mas exigente, como vimos.

É uma missão exigente, complexa, difícil. Nem por isso podemos desertar.

Renovemo-nos; procuremos forças; reorganizemos a colaboração; sejamos magnânimos e corajosos como o nosso Pai e Fundador!

Não contamos tão-somente com as nossas energias, tão limitadas, mas confiamos com coração iluminado n'Aquele que quis a nossa Vocação e que nos dá a força para vivê-la e fazê-la crescer.

E essa confiança no Cristo exprimimo-la filialmente através da nossa específica devoção mariana: a Cristo por Maria! A Auxiliadora interceda, nos guie e ampare num compromisso tão árduo mas angustiosamente premente.

Paulo VI, na *Marialis Cultus*, diz que devemos olhar para Maria tendo presentes as várias situações do mundo contemporâneo, a fim de descobrir como Ela "pode considerar-se modelo naquilo por que anelam os homens do nosso

tempo". Assim constataremos "com agradável surpresa que Maria de Nazaré, apesar de completamente abandonada à vontade de Deus, longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi uma mulher que não duvidou em proclamar que Deus é defensor dos humildes e dos oprimidos e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo; ... uma mulher forte, que conheceu a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio... e cuja função materna se dilatou, assumindo no Calvário dimensões universais".⁵¹

51. *Marialis Cultus* 37

Nós a veneramos justamente como "Auxiliadora", porque ressaltamos nela tanto a laboriosa condição dos pobres (esposa de carpinteiro e dona de casa), como a solicitude de serviço e colaboração (lembrando, por exemplo, suas atenções para com Isabel), como ainda, sobretudo, a solícita laboriosidade materna, tão aberta à universalidade que constituiu, para além do Calvário, o seu modo de ser como ressuscitada na assunção aos céus: vive com Cristo Senhor, qual Ajuda da Humanidade e Mãe da Igreja.

Ela é, pois, totalmente ativa, dedicada aos homens ainda viajores, tão preocupada com os pobres e necessitados que poderíamos também chamá-la "A Virgem do trabalho", como a sublinhar um aspecto da sua atitude de Auxiliadora.

Pois bem: considerando a necessidade urgente que temos de saber reinserir-nos validamente hoje no mundo do trabalho, entregamos com confiança a Ela, nossa Mãe e Mestra, o relançamento de um aspecto tão essencial da nossa missão na Igreja.

Expressimos neste ato de confiança em Maria Auxiliadora o nosso propósito sincero de ser portadores aos jovens do "Evangelho do trabalho", aprofundado e proclamado à luz do mistério de Cristo, apresentado como mensagem de resposta ao apelo dos sinais dos tempos e

da atual condição sobretudo dos povos mais necessitados.

Dom Bosco interceda por nós!

Desejo a todos um Bom Natal, com os melhores votos para o Ano Novo.

Cordialmente no Senhor,

P. Epifânio Ligeiro

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1 PASTORAL JUVENIL:

DOCUMENTOS E PONTOS A SEREM VERIFICADOS

P. Juan Edmundo VECCHI

1. Documentos

“O leigo católico testemunha da fé na escola” é o título do documento produzido pela Sagrada Congregação para a Educação Católica em 15 de outubro de 1982. Embora focalize a missão dos “leigos católicos, homens e mulheres, empenhados na escola elementar e média” (n. 1) e no papel dos professores (n. 15), o documento quer iluminar e apoiar os que com outras atribuições participam na obra educativa. Oferece-nos a nós um tema de reflexão interessante também para os colaboradores empenhados em estruturas educativas não escolares, como centros juvenis, associações culturais ou cursos de educação integrada.

Não é o caso de fazer um resumo do documento, nem de condicionar a assimilação com chaves de leitura, dado que o texto apresenta-se linear e imediatamente acessível nas suas quatro partes: identidade do leigo católico na escola, modo de viver essa identidade, formação, apoio. O documento além disso resulta um complemento do anterior sobre a Escola Católica (n. 4).

Interessante parece-me, ao invés, fazer, nos limites de poucas linhas, alguns comentários e sublinhas, que dizem respeito à nossa situação e ao nosso caminho de reflexão que o documento confirma e ajuda a fazer.

A razão que vê a presença do leigo nas instituições educativas católicas como suplência ou remédio diante da deficiência de vocações religiosas está definitivamente superada. Coloca-se, ao invés, como fundamento dessa presença a vocação laical, ulterior-

mente especificada pela inserção num contexto temporal, definido pela cultura e pela profissionalidade educativa.

Evidencia-se, pois, a conveniência e a necessidade da intervenção do leigo não somente nas instituições pluralistas do Estado mas também nos centros caracterizados por um projeto cristão. E também a possibilidade de um desenvolvimento cristão da pessoa, através de um papel social que o documento não hesita em chamar vocação (n. 37).

Os trechos característicos que deveriam ser vividos a fim de que uma definição "ideal" de leigo educador tivesse o correspondente modelo vivo e verificável são: a consciência profissional (n. 27), o testemunho de fé (n. 28), a capacidade de ler, a cultura e a síntese entre ela e a fé (n. 29), uma metodologia educativa que encarne o amor cristão: respeito da liberdade do jovem (n. 28), relações pessoais, vizinhança, serviço (n. 33): a comunhão operativa e ideal com os colegas (n. 34), a sensibilidade social (n. 35-36). A fisionomia é delineada e completada toda vez que se tenta uma definição descritiva do educador cristão (cf. n. 24).

As relações entre religiosos, sacerdotes e leigos e a necessidade de formação permanente transpiram da totalidade, se bem que somente em algumas passagens do documento tenham um desenvolvimento explícito. Sobre os primeiros faz-se notar que são regulados pela unidade na vocação cristã e pela complementaridade de experiências, ministérios e serviços (n. 44). Devem, portanto, ultrapassar o nível funcional e afundar as raízes na comum realidade batismal. Torna-se por isso importante a presença dos religiosos e dos sacerdotes na comunidade educativa (n. 43).

Da formação permanente indicam-se as grandes áreas: qualificação profissional, identidade cristã, capacidade apostólica (n. 97; nn. 27, 67-69).

Não se deve passar sob silêncio a projeção sócio-cultural ampla que tem o papel do educador cristão, para além do serviço particular numa estrutura. O documento insiste sobre a participação nas associações católicas e profissionais e na vida do bairro. Requer uma pública estima por parte da comunidade humana e cristã no papel de educador e das instituições educativas. Como também volta o olhar para os professores que trabalham em estruturas pluralistas, sem conotações religiosas particulares, respeitando as diversas opções de vida. É evidente, pois, que

cooperadores e ex-alunos interessados no fenômeno educativo encontrarão também sugestões e estímulos.

Os acenos precedentes são apenas um convite para estudar individualmente e em grupo esse documento, para parti-lo em pequeninos para as nossas comunidades educativas, para enriquecer com seu conteúdo o que já temos elaborado. Isto servirá para enfrentar a nossa múltipla experiência e fazê-la chegar a uma síntese e a uma orientação segura. Um documento desse gênero não tende a parar a experiência nem a criatividade, mas oferece pontos de referência para um caminho. É fundamentalmente, segundo uma declaração explicitamente nele contida, "um convite a refletir sobre o leigo católico como testemunha da fé, num ambiente tão privilegiado para a formação do homem" (n. 4) qual é a escola.

Um outro documento da mesma Sagrada Congregação para a Educação Católica focaliza os *desenvolvimentos do cuidado pastoral das vocações nas igrejas particulares*, baseando-se nas experiências do passado e preparando programas para o futuro (2 de maio de 1982).

É o fruto de longo caminho de maturação, de ampla convergência e de um empenho conjunto de diversas instâncias de responsabilidade. O longo caminho de reflexão começou pelo menos em 1976, quando a Assembléia Plenária dos Cardeais e Bispos da Sagrada Congregação para a Educação Católica propôs um Congresso Internacional de responsáveis pelas vocações eclesiais. Culminou, depois, através de passos sucessivos, na realização do Congresso, do qual o texto proposto é documento conclusivo, submetido à visão também do Sumo Pontífice.

A ampla convergência é dada pelo fato de que o confronto e a discussão foram preparados pelo estudo de mais de "700 planos de ação diocesanos de pastoral vocacional" (cf. nota informativa). As linhas de tendências e o perfil das iniciativas, resumidas num documento de trabalho, serviram como ponto de partida. Relações, comunicações e proposições do Congresso puseram ainda mais em foco pontos nodais, problemas e possibilidades para o futuro.

O trabalho entre diversas instâncias de responsabilidade é confirmado pelo documento que se apresenta aos cuidados das Congregações para as Igrejas Orientais, para os Religiosos e para os Institutos Seculares, para a Evangelização dos Povos e para a Educação Católica.

Há no documento estímulos para consolidar Irmãos e equipes de pastoral nos três aspectos sobre os quais se joga a eficácia da pastoral vocacional: a mística que nos leva à confiança, à oração e à esperança; a pedagogia que nos sugere os itinerários concretos para suscitar ideais, cultivar germes, fazer propostas e programar um acompanhamento sábio: enfim a organização que nos ajuda a unir as forças e a coordenar a ação.

O fato de que o documento se concentra na responsabilidade comunitária da igreja particular lembra a nós salesianos orientações que já são patrimônio adquirido, pelo menos a nível de declarações e de princípios: pôr a nossa experiência pedagógica geral e específica a serviço da Igreja local, oferecer um testemunho, uma informação e uma proposta do nosso carisma, dado que a Igreja particular se enriquece através da incorporação de novos ministérios e contributos; qualificar toda a nossa educação e catequese com a orientação vocacional, desenvolvida por pessoas competentes; preparar as nossas comunidades de acompanhamento e de acolhida para as novas instâncias de personalização que o jovem traz consigo e para a situação que a vocação sacerdotal e religiosa vive hoje.

O documento junta-se no tempo a outros muito ricos da Congregação, que marcam uma linha de caminho, isto é: a fecundidade vocacional da nossa ação pastoral (CG21, 106-119) e o subsídio n. 4 "Traços essenciais para um plano inspetorial de pastoral vocacional" apresentado pelo Dicastério de Pastoral Juvenil, atendendo à orientação operativa 119 do mesmo Capítulo Geral.

No seu todo propõe quanto possível e necessário em fato de inspirações, bases doutrinárias e opções práticas. Resta apenas estimular a tradução operativa já em curso, à qual convidava o CG21: "As Inspetorias preparem o mais depressa possível um plano particularizado, em estreito contato com a Igreja local e em harmonia com o plano vocacional por ela elaborado" (119a).

2. Pontos a serem verificados

Como as Inspetorias se encaminham naturalmente para um momento de síntese, o Conselheiro para a Pastoral julga útil lembrar quais seriam os resultados do período de reflexão percorrido.

Foram distribuídos sucessivamente, segundo uma ordem e segundo datas calculadas dos estímulos coligados: a animação pastoral da Inspetoria; o Sistema Preventivo; o Projeto Educativo nas suas linhas mais gerais; o Projeto Educativo para as Escolas, as Paróquias e os Centros juvenis; grupos e movimentos juvenis; programa de pastoral vocacional; presença no mundo do trabalho; problemas educativos; dimensão catequética; espiritualidade juvenil.

Como frutos e resultados desse caminho e como garantia de ulterior progresso deveriam ficar decantados no fim deste sexênio três instrumentos de continuidade.

- Uma equipe inspetorial de animação pastoral, com funções unificadoras e orientadoras, organicamente unidas entre si, que signifiquem uma superação definitiva da divisão setorial entre encarregados de fazer determinadas “coisas” ou de realizar autonomamente algumas “ações”. Tempo e qualificações suficientes são indispensáveis para a sua eficácia. Critérios e modelos foram explicados em apropriado subsídio.

- O projeto educativo-pastoral à maneira de diretório da Inspetoria, que sirva para esclarecer as linhas de trabalho e os critérios de intervenção. Foi recomendado pelo Capítulo Geral XXI com estas palavras: “Toda Inspetoria elaborará um projeto educativo adaptado à realidade local como base de programação e de verificação para as suas várias obras, na linha das opções fundamentais feitas pela Congregação: Oratórios, Centros Juvenis, Escolas, Internatos, Pensionatos, Paróquias, Missões etc.” (n. 105a). Apenas elaborado, envie-se ao Dicastério de Pastoral, para um confronto e para uma colheita de experiências.

- Um programa de qualificação do pessoal para os diversos campos pastorais em que nos movemos: Centros juvenis, pedagogia, Escolas, Paróquias, catequese, pastoral vocacional etc. A esse propósito lembra-se que existem cursos e oportunidades para preparar agentes especializados para esses setores, e que não seria difícil com base numa providente programação cobrir adequadamente as diversas áreas num período razoável de tempo.

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS

CALENDARIUM LITURGICUM PROPRIUM

Societatis Santi Francisci Salesii

Approbatum:

a S. Congr. Cultu Divino Prot. n. 1227/74, die 30 martii 1974 et a S. Congr.
pro Sacramentis et Cultu Divino Prot. CD 440/81, die 12 martii 1981.

IANUARIUS

- | | | |
|----|---|-------------|
| 24 | S. FRANCISCI DE SALES Episcopi ed Eccl. Doctoris
Societatis salesianae Tituli ed Patroni | festum |
| 31 | S. IOANNIS BOSCO Presbyteri
Societatis Salesianae Fundatoris | sollemnitas |

FEBRUARIUS

- | | | |
|---|--|--|
| 1 | COMMEMORATIO OMNIUM SODALIIUM DEFUNCTO-
TORUM | |
|---|--|--|

MARTIUS

- | | | |
|----|------------------------------|--------------------|
| 12 | B. Aloisii Orione Presbyteri | memoria ad libitum |
|----|------------------------------|--------------------|

MAIUS

- | | | |
|----|--|-------------|
| 6 | S. DOMINICI SAVIO Adulescentis | festum |
| 13 | S. MARIAE DOMINICAE MAZZARELLO Virginis | festum |
| 24 | BMV. Titulo AUXILIUM CHRISTIANORUM
Societatis Salesianae Patronae principalis | sollemnitas |

IUNIUS

- | | | |
|----|-------------------------------|---------|
| 23 | S. Iosephi Cafasso Presbyteri | memoria |
|----|-------------------------------|---------|

OCTOBER

- | | | |
|----|-------------------------------|--------------------|
| 24 | B. Aloisi Guanella Presbyteri | memoria ad libitum |
| 29 | B. Michaëlis Rua Presbyteri | memoria |

4. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR

4.1 Crônica do Reitor-Mor

De 4 a 7 de setembro, o Reitor-Mor visitou a Inspetoria de Zagreb, para celebrar com a Família Salesiana Croata os 60 anos de presença apostólica. Pôde falar com vários grupos de Irmãos e visitar a comunidade formadora de Rijeka, o aspirantado e o noviciado.

De volta a Roma, surpreendeu-o a dolorosa notícia dos fatos da Nicarágua: dialogou com o Diretor expulso, P. José Moratalla, e comprometeu-se a colaborar segundo as possibilidades.

Dia 14 iniciou uma volta completa do mundo, passando pelos Estados Unidos, Samoa, Austrália, Papua-Nova Guiné, Filipinas e Sri Lanka. Além de visitar as obras, pôde, nessa viagem, realizar proveitosos contatos de animação com os Salesianos, com as Filhas de Maria Auxiliadora e com outros grupos presentes na nossa Família.

Nos Estados Unidos entreteve-se primeiro com os Irmãos de Nova Iorque, especialmente com o Diretor do novo centro no bairro negro de Harlem. Em seguida foi a Tampa e Marrero (Nova Orleans), que não pudera visitar antes, entrando em contato também com os representantes dos Salesianos das Bahamas. A parada em San Francisco permitiu-lhe encontrar numerosos Irmãos daquela Inspetoria, para juntos tratarem da preparação do próximo Capítulo Geral.

Em Samoa (na Polinésia) e em Papua-Nova Guiné (na Melanésia), viu os inícios do nosso trabalho missionário em Países onde o carisma salesiano está em plena sintonia com as necessidades do povo e vai-se adaptando às suas culturas com maleabilidade e esperança. Essas novas presenças assumem especial relevo no contexto do sonho de Dom Bosco de 1885: "grupos de incontáveis ilhas" viu o nosso Pai na sua curiosa viagem ao redor do mundo, que começou e terminou em Santiago, Chile.

Austrália e Filipinas, com modalidades diversas, colocaram-no diante de um florescimento de obras que têm algo de miraculoso. Tondo, p. ex., Pasil, Joriz, centros juvenis e Boy's Towns da Austrália, são prova indiscutível da eficácia do espírito salesiano. Trata-se além disso de duas Inspetorias jovens, abertas para novas fronteiras missionárias: (Samoa, p. ex., da Inspetoria de Melbourne, Papua-Nova Guiné, da Inspetoria de Manila). Nas Filipinas a Congregação está apenas há 30 anos: os Salesianos já são quase 300, há numerosas vocações. Muitos missionários já partiram para a Tailândia, Papuásia, Etiópia e Timor!

Em Sri Lanka, que celebra o 25.º aniversário de presença salesiana, o Reitor-Mor viu-se rodeado de quase todos (são 18) os Irmãos autóctones daquela belíssima ilha, alguns vindo para isso de Madras. E uma vez ainda comprovou a verificação das predições do nosso

Fundador, que repetidas vezes falou do Ceilão. O Inspetor, P. John Sathiaraj, deu-lhe as boas-vindas, dizendo: "Dom Bosco queria mandar Dom Cagliero, mas agora veio ele próprio!" E o Diretor, P. Kingsley Perera, lembrou-lhe, citando as Memórias biográficas, o interesse de Dom Bosco pela ilha.

Cumprе ressaltar as expressões da estima e gratidão, de tão quente tonalidade que chegava a causar embaraço, por parte dos Cardeais e Bispos locais e dos Núncios apostólicos, com a chuva de pedidos, numerosos e insistentes, de novas fundações.

O Reitor-Mor estava novamente em sua sede a 20 de outubro. Afastou-se depois brevemente para conferências no Norte da Itália (31 de outubro — 2 de novembro) e para a reunião anual dos Superiores Gerais (USG) em Frascati (24-27 de novembro).

4.2 Atividades dos Conselheiros

O Conselheiro para a Formação

O Conselheiro para a formação, P. Paulo NATALI, participou em Cison de Valmarino, de 22 a 27 de agosto, no encontro sobre "A direção espiritual na Família salesiana", organizado pelos "Colóquios sobre a vida salesiana".

De 29 de agosto a 13 de setembro, presidiu na Palestina, em Cremisan, o congresso internacional dos biblistas salesianos, que tinha como objetivos:

- a fundação da Associação Bíblica Salesiana (ABS), aprovação do Estatuto e escolha da Presidência;

- a troca de experiências relativas à docência bíblica nos nossos estudantados e aos vários campos de pesquisa de cada biblista;

- uma atualização da cultura e da pesquisa bíblica;

- uma reflexão sobre o programa de um eventual projeto de formação bíblica para toda a família salesiana em Cremisan.

Foram dias intensos, com um trabalho programado e adequado à consecução dessas finalidades. Os seus resultados estão sendo examinados pelo Reitor-Mor.

De 6 a 30 de outubro, foi à Índia, onde encontrou as comunidades formadoras e seus componentes (estudantes, professores-formadores, conselhos das comunidades), os conselhos inspetoriais ou as comissões de formação das diversas inspetorias. Foi um trabalho de fixação dos objetivos e dos métodos formativos e uma avaliação da eficácia das estruturas de formação, algumas das quais nos primeiros anos de vida ou mesmo ainda em projeto.

O mesmo trabalho, com iguais intentos, fez na Polônia, de 8 a 18 de novembro.

De 25 a 29 de novembro, deu, em Sevilha (Espanha), um curso destinado às diretoras das FMA. Tema: "A animação e o governo da comunidade segundo as novas Constituições e os Atos do CG XVII".

A equipe da formação, além do exame continuado dos Diretórios inspetoriais de formação, ainda por chegar, está empenhada no desenvolvimento do "Curso de renovação para animadores de salesianidade", que começou a 24 de outubro p.p. e terminará em 31 de janeiro de 1983.

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

No mês de agosto, o P. João VECCHI partiu para a América Latina, onde animou duas semanas de estudo.

A primeira, para animadores do setor escola, teve lugar em Cum-bayá, e destinava-se à Região do Pacífico. Tomaram parte Irmãos das onze Inspetorias. A temática articulava-se assim:

- Missão Salesiana, Pastoral Juvenil e Escola.

- Cultura e educação: objetivos, conteúdos e métodos.

- Catequese e ensinamento religioso.

- Pastoral global da Escola.

- Comunidade Educativa.

No fim os participantes exprimiram propostas e enunciaram linhas de progresso que, atualmente, deveriam já estar publicadas nos boletins inspetoriais.

A segunda semana, que tinha como tema "Salesianos no mundo do trabalho", realizou-se em Buenos Aires. Assistiram Salesianos e leigos das sete Inspetorias do Prata e do Chile. A reflexão foi orientada por estes argumentos:

- Salesianos e mundo do trabalho: dados da história e exigência do carisma.

- Projeto Educativo: critério peculiar na formação do jovem trabalhador.

- A pastoral nas escolas Profissionais, Técnicas e Agrícolas.

- A Comunidade Educativa.

Também aqui os Salesianos comunicaram, num "memorandum", suas conclusões e propostas.

No mês de setembro foi organizado em Bonn um seminário de estudo sobre a juventude do Terceiro Mundo. O Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil participou com uma contribuição sobre o sistema educativo de Dom Bosco.

Posteriormente, no mês de outubro, fez uma visita à Inspetoria da Áustria. Em Graz presidiu a bênção da igreja paroquial de S. João Bosco, restaurada. Teve depois, em Viena, um encontro de dois dias com os Párocos da Inspetoria, no qual se aprofundaram os seguintes temas:

- Identidade da "paróquia salesiana": traços característicos.

- Os grupos e as associações na vida da Paróquia.

- O Conselho Paroquial e outras formas de participação.

Entre 1.º e 4 de novembro, foi a Malta, onde os irmãos e as FMA tinham programado um dia de estudo sobre o Sistema Preventivo e o Projeto Educativo Pastoral.

Foi publicado, aos cuidados da equipe de Pastoral Juvenil, que ajuda o Conselheiro Geral, o volume sobre os Salesianos no mundo do trabalho. Convém as relações, discussões, conclusões e ecos externos do Congresso Europeu sobre o tema.

As Inspetorias que desejarem exemplares para as bibliotecas de salesianidade, para os centros de formação e para as presenças em ambientes de trabalho, podem pedir ao Dicastério de Pastoral Juvenil.

O Conselheiro para a Família Salesiana

A 19 de junho, o Conselheiro P. João RAINERI participou, junto

com o Reitor-Mor, P. Paulo Natali, P. Ruggiero Pilla, P. Luigi Bosoni e P. Sergio Cuevas, no encontro dos representantes da *Opera Pas* e da *Universidade Pontificia Salesiana*. (UPS), durante o qual emergiu, entre outros, o problema da aceitação na UPS de membros leigos da Família Salesiana.

Dia 23 participou, na Casa Geral das FMA, no encontro entre o Reitor-Mor e alguns membros do seu Conselho com a Madre Geral e algumas Irmãs do Conselho Superior das FMA. O encontro teve como objetivo o tema da animação salesiana e as relações, dentro da Família Salesiana, entre os Salesianos e as FMA.

A 26 do mesmo mês participou na reunião da Secretaria Executiva da Consultoria Mundial dos Cooperadores, e, a 3 de julho, na reunião da Junta Confederal dos Ex-alunos.

O 2.º Congresso dos Jovens Cooperadores Europeus

Teve lugar na Espanha, de 9 a 12 de julho, na casa salesiana de Arevalo (Ávila). Estudou-se "a missão salesiana do Jovem Cooperador hoje" formulado com o sugestivo slogan: "*Com Dom Bosco rumo ao 2000*". Estavam presentes mais de 150 Jovens Cooperadores da Espanha, Portugal, Itália, Croácia, Inglaterra, Irlanda, Áustria, Alemanha e Polónia. As conclusões do congresso foram publicadas em "*Salesiani Cooperadores*". Os jovens Cooperadores prestaram homenagem a Santa Teresa, por ocasião do seu centenário, participando, no domingo 11, na Eucaristia presidida pelo Bispo de Ávila, Dom Felipe Fernández García.

Reunião dos GEX (Jovens Ex-alunos) Europeus

De 26 a 31 de julho, no Salesianum de Como, reuniram-se, presentes o P. Raineri e o Presidente Confederal Dr. Castelli, os componentes da Secretaria dos GEX Europeus para verificar a atuação das conclusões do Congresso de Maroggia e do Congresso de Lugano, e projetar as atividades dos Jovens Ex-alunos Europeus, entre as quais um Congresso GEX para 1983.

O Conselheiro levou aos jovens as saudações do Reitor-Mor e apresentou a ação própria dos Ex-alunos na Família Salesiana segundo a carta do Reitor-Mor sobre a Família Salesiana (ACS 304).

Peregrinação mariana a Turim da Família Salesiana da Europa

A peregrinação — 17-19 de setembro — foi carinhosamente preparada pela Ir. Maria Rampini, Delegada das Ex-alunas e Consultora Mundial dos Cooperadores, juntamente com a Secretaria Executiva dos Cooperadores, presidida pelo Delegado Mundial, P. Mario Cogliandro. O escopo era relançar na Europa a devoção a Nossa Senhora. A peregrinação alternou momentos de oração e de estudo, junto aos lugares salesianos de Turim, Mormese, Colle Don Bosco. Fruto da peregrinação foi a fundação do "*Movimento Animadores Marianos*" para os vários grupos da Família Salesiana.

De 9 a 12 de setembro o P. Raineri participou, em Rimini, na Semana Azul Salesiana, por ocasião do centenário da visita de Dom Bosco àquela cidade (1882-1982), e na reunião do Conselho Nacional dos Ex-alunos da Itália. Além da celebração do centenário, partici-

pou de uma mesa redonda, em que se confrontaram o Projeto Pastoral Educativo de Dom Bosco e o de Comunhão e Libertação.

*O 6.º Congresso
dos Ex-alunos Latino-Americanos*

O P. Raineri participou nele, de 3 a 31 de outubro.

Magnificamente organizado pela Federação Peruana, o Congresso inaugurou-se em Lima com a celebração presidida pelo Arcebispo, o Cardeal Juan Landazuri Ricketts e com a presença do Nuncio Apostólico, S.E. Dom Mario Tagliaferri. Estavam presentes o P. Sergio Cuevas, Conselheiro Regional, e os Inspectores do Chile, Bolívia, Uruguai, Paraguai e Peru. Foi estudado o tema: *"A família à luz do Sínodo dos bispos e da 'Familiaris Consortio'"*. Foi subdividido em quatro subtemas, apresentados por outras tantas Federações Nacionais. Estavam presentes Delegações de toda a América Latina — com exceção de Cuba — e representações da Espanha, Itália e Suíça. Participaram também o Presidente Confederal, Dr. José Castelli e o novo Delegado Confederal, P. Carlos Borgetti. O P. Raineri, no discurso final, comentou para os Congressistas o pensamento do Reitor-Mor, na sua carta de 23 de fevereiro, sobre os Ex-alunos. O Congresso serviu para dar a idéia da organização e do dinamismo dos Ex-alunos num "foro" em que cada delegação fez uma prestação de contas da sua situação. Ainda uma vez surgiu a necessidade de qualificar Delegados e Dirigentes e de usar de particular cuidado com os Ex-alunos jovens. As conclusões, muito interessantes, uma guia para a vida e o apostolado familiar dos Ex-alunos, foram publicadas no Órgão de Ligação da Presidência Confederal.

Os Ex-alunos escolheram como organizadora do próximo Congresso — 1985 — a Federação Equatoriana.

*Visita às Filhas
dos Sagrados Corações
(HH.SS.CC.)*

Depois do Congresso de Lima, o P. Raineri permaneceu três dias em Bogotá, para uma visita às Irmãs dos Sagrados Corações, fundadas pelo Servo de Deus P. Luís Variara. Em Agua de Dios, berço do Instituto, lugar que recorda o empenho heróico do P. Miguel Unia e do Fundador das HH.SS.CC., deu-se conta das múltiplas atividades das várias casas de Agua de Dios e pôde visitar também algumas outras nos arredores. Acompanhavam-no a Madre Geral, Ir. Rosa Ines Baldión, a Vigária, as Conselheiras Provinciais.

Dia 24 visitou a casa de Noviciado de Casijá, onde se reuniu com todo o pessoal de formação: dirigiu-lhes a palavra e fez a homília na solene celebração eucarística.

A visita concluiu-se com a reunião do Conselho Geral, que refletiu junto com o P. Raineri sobre os aspectos mais característicos do Instituto e sobre as perspectivas abertas pelo reconhecimento de pertença à Família Salesiana.

Dia 23 uma representação numerosa de HH.SS.CC. e do *"Movimento secular Luís Variara"* havia participado na reunião da Família Salesiana de Bogotá no Colégio Leão XIII, para exprimir, coralmente, sua solidariedade com a comunhão salesiana.

As HH.SS.CC. são atualmente 323, têm 17 noviças; as casas são 53, reunidas em duas províncias e uma delegação: estão na Colômbia,

Equador, Venezuela, Bolívia, República Dominicana. Como é sabido, o Instituto aceita também doentes de lepra. A sua espiritualidade, fortemente marcada pelos valores do espírito e da missão salesiana, tem como nota específica a consagração vital, que se inspira, através do fundador P. Luís Variara, no Servo de Deus P. André Beltrami.

As HH. SS. CC. fundaram também um "Movimento Secular Luís Variara". Já assaz difundido, emprega sacerdotes e leigos seculares, algumas vezes doentes, a viver no mundo a espiritualidade vital e a servir os doentes, especialmente de lepra.

As Hijas del Divino Salvador

Continuando a sua viagem, o P. Raineri parou um dia em San Salvador, para visitar a Congregação das HH. D. S. (Hijas del Divino Salvador).

É um Instituto que surgiu segundo um projeto apresentado em 1954 à Conferência Episcopal Salvadorenha por Dom Pedro Arnoldo Aparicio, salesiano, que o realizou na noite do Natal de 1956, e foi reconhecido como Congregação de direito diocesano em 1971. Por ocasião do 25.º aniversário de fundação, as Irmãs manifestaram a sua adesão à Família Salesiana. A primeira mestra das noviças, e depois Superiora Geral, foi uma FMA que, juntamente com o Fundador, garantiu no Instituto o espírito salesiano.

Escopo da Congregação é a catequese, a formação de catequistas, e a pastoral geral em colaboração com os Párocos. Em 1959, em San Vicente de Santo Domingo (El Salvador) na Casa-Mãe, foi fundada uma Escola Normal para a prepara-

ção das professoras católicas, a única existente no Salvador. O Senhor abençoou o jovem rebento: as Irmãs são cerca de uma centena, entre professoras e noviças; têm 9 casas em El Salvador, Venezuela, Nicarágua. O encontro com as alunas da escola normal, as Irmãs, o corpo docente e as noviças; a reunião com a Madre Geral, Ir. Berta Morales, o seu Conselho e Dom Aparicio, foram muito cordiais e profícuos para a orientação e perspectivas salesianas do Instituto.

Durante sua viagem, o P. Raineri pôde encontrar Conselhos Inspetoriais, Animadores Salesianos Dirigentes, grupos e membros da Família Salesiana no Chile, Colômbia, Peru — onde recebeu a promessa de 40 Jovens Cooperadores — El Salvador, New Rochele, trazendo a convicção de um consolador crescimento dos Cooperadores em número e qualidade.

Novo Delegado confederal dos Ex-alunos

O Reitor-Mor, de acordo com o Presidente confederal, a 14 de setembro de 1982, nomeou Delegado da Confederação Mundial dos Ex-alunos o P. Carlos Borgetti. Laureado em Pedagogia na Universidade Pontifícia Salesiana (UPS) de Roma. É muito conhecido pela válida colaboração prestada ao Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil na formulação dos subsídios, relativos ao "Projeto Educativo e Pastoral Salesiano".

Ao mesmo tempo que agradecemos ao P. João Favaro quanto fez para a animação dos Ex-alunos, desejamos ao P. Carlos Borgetti um bom trabalho, e lhe damos cordialmente as boas-vindas entre os animadores da Família Salesiana.

O Conselheiro para as Missões

Em julho passado, o P. Bernar-do TOHILL fez a visita extraordinária aos três centros missionários que existem entre os Kekchi, na América Central, em Guatemala, ao mesmo tempo que o P. Sergio Cuevas fazia, contemporaneamente, a visita canônica às obras da Inspeção.

Encontrou os zelosos missionários agora reduzidos de onze a sete por causa da situação crítica que abala toda aquela região. Estão sobrecarregados de trabalho e vivem em contínuo estado de trepidação e alarme. Com efeito, desapareceram por violência criminosa, dois dos seus melhores catequistas, e fogem do lugar muitos dos seus queridos índios. Eles próprios acham-se rodeados de refugiados em dois dos três centros. Contam muito com nossas orações pelos graves perigos que quotidianamente os ameaçam.

São dignos de admiração pela eficiente organização dos mais de 1.200 catequistas, pelo eficiente apostolado da rádio local, pelos inícios promissores de uma congregação feminina indígena e pelo impressionante desenvolvimento dos três centros missionários nestes últimos nove anos.

É bem conhecida a situação tormentosa que domina a América Central; todavia, em meio a tantas preocupações e problemas, os Irmãos com os quais o Visitador se entreteve em El Salvador e na Nicarágua, mostram-se impávidos e decididos a partilhar com seus jovens e fiéis as penas que no momento são a amarga experiência daquelas populações.

O P. Tohill visitou a Cidade dos Meninos em Santa Ana (El Salvador), uma obra tipicamente sale-

siana, que somente há alguns meses passou da gestão do governo para a responsabilidade dos Salesianos. A transformação, efetuada em poucos meses nos 300 jovens marginalizados, suscitou a admiração de quem bem conhecia a situação anterior daquela obra social. Os três Irmãos, com sua benevolência e grande espírito de sacrifício, fazem pensar no apostolado realizado por Dom Bosco entre a juventude de Turim nos primeiros anos de Valdocco.

No Peru o P. Tohill visitou primeiro as missões da diocese de Huaraz, onde o Bispo, coadjuvado por dois Irmãos, está implantando um centro de formação para catequistas; e depois, o assim chamado "Valle Sagrado". Aí a Inspeção do Peru está organizando uma cadeia de centros missionários. O lugar, muito acidentado, e a grande dispersão da população descendente dos Incas, submetem a dura prova as forças físicas e o zelo daqueles missionários dos Andes. Não é fantasia poética, mas reflexo de uma realidade amarga, se essa terra se define como "o vale das mil tragédias".

Também na Bolívia, o P. Tohill admirou o trabalho sacrificado e o heroísmo de muitos Irmãos. Em Escama, no lago Titicaca, em El Alto no planalto e em Kami — todas elas missões colocadas de 3.800 a 4.100 metros de altura — o frio, a pobreza, a falta de comunicações são algumas das dificuldades que o missionário deve enfrentar todos os dias.

Em San Carlos e em Sagrado Corazón, a única variante é o calor tropical, que substitui o frio do planalto. Os pobres são muito numerosos; os jovens também. Por toda a parte a população olha o missionário com simpatia porque a sua presença gera esperança

e confiança na vida; e estas, muitas vezes, valem mais do que a abundância de bens materiais.

O giro pelas missões do Chaco Paraguai apresentou um quadro triste e ao mesmo tempo consolador. Há 5 meses, e pela terceira vez a partir de 1978, todos os centros do Vicariato encontram-se submersos nas águas, porque o rio Paraguai transbordou e causou enormes danos às populações que vivem ao longo de suas margens. A missão dos Ayoreos teve que ser abandonada inteiramente, e a tribo teve que refugiar-se a vários quilômetros de distância. Os Sa-

lesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora partilham com os índios, há meses, uma vida entre terra e água, em tendas e cabanas armadas desordenadamente e em zonas literalmente infestadas por insetos, mosquitos e cobras. Somente o amor a Deus e ao próximo pode explicar e justificar tais sacrifícios.

De volta a Roma, o Conselheiro para as Missões partiu, a 28 de outubro, para a Índia, onde pôde visitar algumas missões das Dioceses do Nordeste. Fez também breve visita à Birmânia e voltou a Roma na primeira metade de dezembro.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 Preparação para o Capítulo Geral XXII

Terminaram os contatos pessoais para apresentar os objetivos do CG22, a "Traccia di riflessione", o Questionário-sondagem e as normas para as eleições e para o desenvolvimento dos Capítulos Inspetoriais.

Os encontros com os Inspetores e Reguladores da Europa Central sofreram uma variação com respeito ao programa. Houve em Colônia, Lião e Lubiana para as respectivas áreas. Em Roma reuniram-se os Conselhos Inspetoriais das Inspetorias que pertencem à Conferência Inspetorial Italiana para três dias de estudo. Neles aprofundaram-se objetivos, motivações e instrumentos de trabalho do CG22 e dos CI.

Entretanto o Vigário Geral, P. Gaetano Scrivo, entrou em contato com os Reguladores do Oriente, e o P. Williams com os da própria Região. O encontro pessoal, juntado nessa oportunidade aos subsídios, revelou-se de grande utilidade para esclarecimentos e intercâmbios de materiais e iniciativas.

O Regulador está recebendo os módulos do cômputo dos Irmãos de cada uma das Inspetorias. A mobilidade do pessoal ultimamente ("gemellaggi", missões, transferências temporâneas, trabalhos ocasionais), a interpretação particular, dada pelo Reitor-Mor no

n. 150 dos Regulamentos, a norma respeitante aos que pediram ausência "a domo" por dúvida vocacional, tornam este ato delicado e útil em ordem a futuros esclarecimentos. Pedese às Inspetorias que ainda não o tivessem feito que cumpram a indicação dada no n. 44 dos ACS 305 e resolvam os casos duvidosos de entendimento com o Regulador do CG22.

Entrementes foi convocado um grupo litúrgico para preparar material e apresentar sugestões a fim de orientar a vida de oração do CG22. Foi esse um pedido explícito feito pelos Capitulares do CG21, como se deduz da elaboração das sondagens.

Chegam notícias e informações das Inspetorias. Algumas elaboraram linhas de reflexão mais analíticas e aderentes à própria situação, sobre a pauta da apresentada pela Comissão Técnica Preparatória. Em algumas indicam-se bibliografias para consultar e dividem-se os temas entre as Comunidades, uma vez calculadas as possibilidades concretas de tempo e estudo. Finalmente percebe-se em todas um esforço para fazer com que todas as comunidades compulsem o texto constitucional na sua totalidade.

Proximamente será enviada aos Reguladores uma cédula a ser preenchida para um levantamento e avaliação dos diversos elementos que influem sobre o processo capitular.

5.2 Solidariedade fraterna (41.ª relação)

a) INSPETORIAS QUE QUISERAM SOCORRER OUTRAS INSPETORIAS E OBRAS NECESSITADAS

AMÉRICA DO NORTE

Estados Unidos -
Inspetoria de
São Francisco L. 17.468.750

ÁSIA

Japão - Insp. Tóquio 1.200.000
Índia - Insp. Calcutá 1.500.000
Índia - Insp. Madrastra 200.000

EUROPA

Itália - Insp. Adriática
(Macerata) 100.000
Itália - Insp. Subalpina 735.000
Itália - Insp. Verona 20.000.000
Itália - Verona:
Inst. Dom Bosco 15.000.000
Itália - Insp. Vêneta
Este (Udine) 1.900.000
Itália - Casa Geral -
Roma 355.000
N. N. 10.000.000

b) INSPETORIAS E OBRAS BENEFICIADAS

ÁFRICA

África do Sul:
necessidades da
missão 1.000.000
Angola: necessidades
da missão 1.000.000
Benin: necessidades
da missão 1.000.000
Burundi: necessidades
da missão 1.000.000
Cabo Verde: necessidades
da missão 1.000.000

Camarões: necessidades
da missão 1.000.000
Congo: necessidades
da missão 1.000.000
Costa do Marfim:
necessidades
da missão 1.000.000
Egito: necessidades
da missão 1.000.000
Etiópia: necessidades
da missão 2.000.000
Gabão: necessidades
da missão 1.000.000
Guiné Equatorial:
necessidades
da missão 1.000.000
Quênia: necessidades
da missão 4.000.000
Lesoto: necessidades
da missão 1.000.000
Libéria: necessidades
da missão 1.000.000
Desoothero: necessidades
da missão 1.000.000
Libéria: necessidades
da missão 1.000.000
Madagáscar: necessidades
da missão 2.000.000
Mali: necessidades
da missão 1.000.000
Marrocos: necessidades
da missão 1.000.000
Moçambique: necessidades
da missão 1.000.000
Ngwane: necessidades
da missão 1.000.000
Nigéria: necessidades
da missão 1.000.000
Rwanda: necessidades
da missão 1.000.000
Senegal: necessidades
da missão 1.000.000
Sudão: necessidades
da missão 2.000.000
Tanzânia: necessidades
da missão 4.000.000
Togo: necessidades
da missão 1.000.000
Zaire: necessidades
da missão 1.000.000
Zâmbia: necessidades
da missão 2.000.000

AMÉRICA LATINA

Antilhas - Cuba:	
necessidades, Irmãos	
e casa	7.575.512
Argentina - Buenos Aires:	
para maquinaria	14.099.000
Argentina - Rosario:	
paróquia e Vicariato	2.000.000
Brasil - Belo Horizonte:	
jovens marginalizados	2.000.000
México - Mixes:	
subsídios pastorais	
e catequéticos	3.000.000
Paraguai - Coronel	
Oviedo: necessidades	
pastorais	8.000.000
Peru - Huancayo:	
necessidades da casa	1.000.000

EUROPA

Itália - Subalpina:	
contribuição filmes	
missionários	2.000.000
Portugal - Timor-Lospalos:	
para veículos	8.000.000

5.3 Constituições: edição comparativa e crítica

Apresentação do Reitor-Mor

P. Egídio Viganó

Os textos críticos das nossas constituições, elaboradas em vida do Fundador, constituem um acontecimento para os estudos sobre Dom Bosco enquanto fundador.¹

Fruto de um trabalho metódico, paciente, qualificado e precioso, que durou mais de dois anos, é este o primeiro volume da série dos escritos de Dom Bosco em edição crítica, que será preparado pelo incipiente *Instituto Histórico Salesiano*, sob a direção do P. Pedro Braido.

A obra oferece aos estudiosos um material muito apreciado, exposto com a seriedade humilde e exigente do *método crítico* que, sem dar interpretações, estimula a uma ponderada reflexão. Esta, para ser de fato objetiva, precisará ainda de iluminação, através do estudo de outros aspectos históricos, referentes sobretudo à vida da Igreja e da Sociedade civil na Itália do século XIX.

O volume apresenta-se como base segura para ulteriores pesquisas (que auguramos numerosas e qualificadas) de aprofundamento da mente e do coração do Fundador de uma congregação religiosa moderna trabalhando entre a juventude.

A possibilidade de melhor conhecer e tocar mais de perto a gênese do texto, que compendia um dos projetos evangélicos de vida consagrada na Igreja, ajudará a compreender e admirar mais objetivamente a índole própria, querida pelo Espírito de Deus na obra do santo redator do documento.

O empenho e sofrimento, que comprovam quanto custou a Dom Bosco a redação das constituições, são, para os seus filhos, um poderoso estímulo para maior conhecimento e mais genuíno sentido de pertença à congregação na sua riqueza histórica de experiência de Espírito Santo.

A publicação enquadra-se hoje na revisão das constituições que a renovação conciliar (PC 3) convidou expressamente a fazer, em particular mediante a volta às fontes, às intuições e ao espírito do Fundador.

A congregação salesiana, com efeito, em conformidade com o motu proprio *Ecclesiae Sanctae* (II, 12-14), tendo renovado a redação das próprias constituições,

¹ MOTTO Francesco, *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales, 1858-1875; Testi critici* (Roma, Libreria Ateneo Salesiano, 1982).

aprovadas "ad experimentum" por um sexênio no capítulo geral especial (1972) e para um segundo sexênio no capítulo geral seguinte (1977), prepara ativamente a última revisão por parte do próximo capítulo geral (CG XXII), para poder apresentar o texto à Santa Sé para aprovação definitiva.

A edição comparativa e crítica das sucessivas redações editadas e inéditas do documento constitucional, durante a vida do Fundador, fará com que a próxima assembléia capitular possa garantir que no texto renovado estará expresso, melhor ainda, a essência viva, joierada e atualizada, da vocação original dos Salesianos de Dom Bosco. O Fundador havia-a codificado no primitivo texto aprovado, procurando concretizar nele a realidade vital e permanente de seu carisma, mas garantindo, na vida concreta do Oratório, a interpretação genuína, para além do que podia ser a simples expressão de variáveis condicionamentos e de formas históricas contingentes.

Um grande muito obrigado ao artifice do grande trabalho, o *P. Francisco Motto*. Julgo interpretar o pensamento de discípulos, amigos e estudiosos de Dom Bosco, ao exprimir ao autor a gratidão e a admiração de todos.

5.4 Secretariado para a Comunicação Social

Aos cuidados do Secretariado para a Comunicação Social e do Departamento Nacional Italiano, reuniram-se, a 20 de setembro, os responsáveis pelas revistas de informação salesiana da Itália e, a 22, em Roma, os representantes dos vários grupos da Família Salesiana. Discutiram as relações de cada grupo com o *Boletim Salesiano* e sobre os meios para melhor difusão, numa ação programada

para a renovação do conteúdo e da presença do *Boletim Salesiano* na Itália.

Preparadas em diversas reuniões dos membros do Secretariado e mediante programas oportunamente enviados, realizaram-se importantes reuniões dos Editores Salesianos e dos Diretores de Boletins Salesianos.

Os *Editores Salesianos* de todo o mundo reuniram-se, por convocação da Comissão Técnica Internacional, em Barcelona, de 30 de setembro a 5 de outubro. O encontro, otimamente organizado pelos Irmãos da Editorial Dom Bosco de Barcelona, examinou de modo especial os problemas da comercialização e da difusão das edições e dos audiovisuais, para a formação e para a pastoral salesiana. Foram reinculcadas as indicações dadas em Caracas sobre a organização dos centros editoriais e examinados os problemas conexos com o tema do simpósio.

Particular desenvolvimento tiveram os intercâmbios e a ajuda mútua.

As conclusões e orientações encontraram-se nos "Atos" da reunião.

Os *Diretores dos Boletins Salesianos* da Europa reuniram-se em Barcelona nos dias 6 e 7 de outubro, e os da América Latina em Lima, nos dias 14 e 15 do mesmo mês. Sob a direção do *P. Ettore Segneri*, presente também o *P. Raineri*, que nos dois encontros apresentou uma relação sobre a identidade do *Boletim Salesiano* como órgão oficial para a Família Salesiana, pôde-se examinar a situação. Outro argumento, desenvolvido em Barcelona pelo *P. Giuseppe Costa*, Diretor do *Boletim Salesiano Italiano*, e em Lima pelo *P. Segneri*, foi o conceito de animação da Família Salesiana por meio do *Boletim Salesiano*.

Constatou-se como, em geral, a qualidade e a quantidade dos BS melhoraram, e indicaram-se os caminhos para ulterior fortalecimento desse providencial instrumento de presença para a vocação salesiana na Igreja e na sociedade, querido e fundado por Dom Bosco, e que, ainda hoje é atual e eficaz.

Durante as reuniões falou-se da constituição de uma Comissão Técnica para a Informação Salesiana dentro da Consultoria Mundial da Comunicação social e também de propostas referentes ao Boletim Salesiano e à comunicação social para o próximo Capítulo Geral.

O Delegado para a Comunicação Social e a informação Salesiana — P. Ettore Segneri — fez longa viagem à América Latina encontrando-se com todos os responsáveis do setor nas sedes inspetoriais, para verificar a situação a organizar a colheita de dados para formar o ponto de vista do Capítulo Geral 22.º.

Em New Rochelle, o P. Raineri e o P. Segneri encontraram-se para visitar o novo centro de produção editorial e audiovisual: "*Don Bosco Multimedia*", em que estão interessadas, como promotoras, as duas inspetorias norte-americanas e, como área de difusão, as inspetorias de língua inglesa — Grã-Bretanha, Irlanda, Filipinas, Austrália — e as inspetorias missionárias onde a língua inglesa é instrumento de comunicação ou de apostolado.

O Centro, já muito eficiente, tem magníficas perspectivas de desenvolvimento da sua atividade normal.

5.5 Notícias Missionárias

1. No mês de setembro 20 Irmãos participaram no curso para os novos missionários.

2. A 3 de outubro o P. Luís Bosoni, do Conselho Superior, presidiu a função de adeus aos novos missionários na Basílica de Maria Auxiliadora, em Turim.

3. No próximo número dos "Atos do Conselho Superior", poder-se-á ler a lista dos participantes da expedição missionária de 1982, a 112.ª da longa série salesiana. Pelo menos 80 dos cerca de 90 Irmãos que constam da lista já chegaram ao destino.

4. Agora algumas informações sobre o *Projeto África*:

Angola: Já tomamos posse de uma paróquia em Luanda, capital.

Camarões: Em novembro, três Irmãos da Inspeção Ligure-Toscana chegaram a Camarões. Depois de um período de preparação, iniciarão uma nova presença na Diocese de Sangmelima.

Etiópia: Um Irmão sacerdote italiano da Inspeção tailandesa pôde finalmente partir para Makallé, onde se interessa pelos 44 jovens aspirantes salesianos. Um Irmão sacerdote filipino espera chegar a Makallé antes do fim de 1982.

Cinco Irmãos da Inspeção Lombardo-Emiliana partiram para Dilla, em Sidamo: assumirão a direção de uma escola técnica na cidade e diocese de Marsabit.

Madagáscar: Desde agosto funcionam quatro comunidades (doze Irmãos ao todo) nas dioceses de Ambanja (IME), Majunga (IVE), Miraninovo (LRO) e Tulcar (ISI).

Nigéria: Em setembro a Inspeção Novarese-Elvetica enviou dois Irmãos à diocese de Ondo e assim serão três agora os Irmãos empenhados naquela missão.

A Inspeção Subalpina enviou três Irmãos à mesma diocese em novembro. Os cinco novos chega-

dos vão dedicar-se ao estudo da língua, antes de começarem o trabalho.

Sudão: No número anterior dos "Atos", lamentamos a partida dos três Salesianos que se haviam estabelecido em Maridi, na diocese de Rumbek. Hoje, com alegria, anunciamos a volta dos Salesianos ao Sudão. Os quatro Irmãos que chegaram a Juba em setembro pertencem à Delegação inspetorial de Nairobi e trabalharão numa tipografia em Juba e na missão de Tonj.

Tanzânia: No fim do mês de outubro começou a missão salesiana em Dar-es-Salaam. Os três Irmãos são da Delegação inspetorial de Nairobi e cuidarão de um centro juvenil e do ensino da religião em algumas escolas secundárias.

Zâmbia: 11 de outubro será um dia histórico nos anais da Congregação para a Polónia e para Zâmbia. Após um ano de estudo da língua inglesa em Londres, após haver recebido o crucifixo missionário das mãos do Papa e assistido à canonização do P. Maximiliano Kolbe, partiu para Zâmbia o primeiro grupo de Salesianos, destinados àquela nação.

Os doze Irmãos, todos provenientes da Polónia, foram acompanhados pelo P. Agostinho Dziedziel. Dedicar-se-ão primeiro ao estudo da língua cibemba, e, ao mesmo tempo, se prepararão para um eventual trabalho missionário em centros de várias dioceses.

5.6 Algumas idéias sobre o Boletim Salesiano

(P. J. Raineri)

Dizia o P. Ricceri aos diretores dos Boletins Salesianos que eles

colocavam a mão na "carne viva de Dom Bosco". Um dos diretores do BS disse que o Boletim é a "Inacabada de Dom Bosco".

1.º Nas origens

1875. Sai da tipografia do Oratório, com frequência "quase mensal", uma folha que tem a finalidade de tornar conhecidas as edições salesianas e outras publicações "úteis especialmente para a juventude e para o clero", que tem o nome de *Bibliofilo Cattolico*.

Não é, porém, apenas de informação bibliográfica, mas já contém notícias de atividades salesianas (MB XII 260ss).

1876. Dom Bosco promete aos Cooperadores Salesianos uma publicação para eles: "Cada três meses, e também mais vezes, com um boletim ou folheto impresso, se dará aos sócios uma relação das coisas propostas, feitas ou que se propõem para fazer. No fim de todos os anos, serão comunicadas aos sócios as obras que no curso do ano sucessivo parece que se devam promover de preferência, e ao mesmo tempo se comunicará uma notícia dos que no decorrer do ano forem chamados à vida eterna..." (RC, V, 7).

1877. O periódico sofre uma transformação e apresenta-se com:

— oito grandes páginas com notícias salesianas;

— um apêndice com listas de livros;

— continua a numeração precedente: 5.º número do ano 3.º;

— mudança do título: "*Bibliofilo Cattolico* o *Bollettino Salesiano mensuale*", e sai em Sampierdarena, porque em Turim dificilmente

receberia o "imprimatur" (MB XIII 260).

1878. Número de janeiro: traz só o título "*Bollettino Salesiano*". Custava três liras, que não eram exigidas. Fazia-o Dom Bosco, quer para dar-lhe a orientação que ele queria, quer porque não tinha outros; encontrará depois o P. Bonetti (MB XIII 260).

2.º As idéias de Dom Bosco

A. Apenas saído o 1.º Número, em agosto de 1877, diz o P. Barberis: A "Finalidade do Boletim é: tornar conhecidas as nossas coisas e torná-las conhecidas no seu verdadeiro sentido.

Isso servirá para alcançar ajuda, atraindo a simpatia das pessoas para as nossas instituições.

Sabendo manejar bem o argumento, se poderá, ao escrever, insinuar de várias maneiras nossas empresas. Tal periódico será o principal sustentáculo das nossas obras: se ele caísse, também elas cairiam. Procurem-se para ele quantos leitores for possível: procure-se divulgá-lo de todas as maneiras e gratuitamente..." (MB XIII 261).

B. Apresentando o BS aos Cooperadores, Dom Bosco exprimiu estes pensamentos:

1. O BS era o órgão prometido no Regulamento aos Cooperadores.

2. Era um instrumento para trabalhar em unidade de espírito, para a glória de Deus e o bem da sociedade civil.

Programa da publicação. Apresentar:

a) diretrizes para a vida dos Cooperadores;

b) notícias de fatos exemplares para os associados, cartas dos missionários;

c) comunicações, anúncios, livros, "máximas a serem propagadas".

4. Descrição do Cooperador Salesiano: como aparecia no Regulamento de 1876; "Dizem-se Cooperadores Salesianos os que desejam ocupar-se de obras de caridade não em geral mas em especial, de acordo e segundo o espírito da Congregação de São Francisco de Sales": seguia uma interessante enumeração de atividades: as dos SDB e do Regulamento dos Cooperadores (cf. Regulamento, IV).

Fim último do BS: é a que chamamos de "Família Salesiana":

"Aqui não se institui uma confraria, nem uma associação religiosa, literária ou científica, nem sequer um jornal; mas uma simples união de benfeitores da humanidade, prontos a dedicar não promessas, mas fatos, cuidados, incômodos e sacrifícios para ajudar o nosso semelhante... (exclusão da política, polémicas etc.)... Deixai-nos o cuidado dos jovens pobres e abandonados, e nós faremos todos os esforços para fazer-lhes o maior bem que pudermos, pois assim julgamos poder ajudar ao bom costume e à sociedade".

C. Dom Bosco tinha a consciência de haver iniciado uma grande empresa.

Houve críticos: o BS era só um meio para ganhar dinheiro. Dom Bosco deixou que falassem e observou que "com o tempo o seu exemplo teria muitos imitadores" também entre os críticos. O P. Ceria conclui com duas afirmações interessantes:

1. "O Boletim é, entre todas as publicações de Dom Bosco,

talvez a que produziu os maiores frutos

— inflamando os corações para cooperar nas missões e obras de religião

— suscitando generosas vocações eclesíásticas e missionárias”.

2. Também nisso Dom Bosco *anteviu os tempos*: no mundo tendências novas suplantavam velhos hábitos: o que uma vez gostava-se de esconder, em breve se sentiria a necessidade de propagar, fosse bem ou fosse mal. Dom Bosco julgou melhor partido fazer ao incremento do bem aquela vontade de publicidade que ele previa que se transformaria numa mania e ao mesmo tempo num veículo de muito mal” (MB XIII 262).

D. Dom Bosco via no Boletim um formidável “vínculo de união”

Disse-o numa das últimas reuniões do 1.º Capítulo Geral da Congregação, em 3 de outubro de 1877, em Lanzo.

Falando do bem causado pela difusão dos bons livros e das associações e coleções e periódicos por ele promovidos, Dom Bosco disse textualmente.

“Outro bem extraordinário que vem da leitura e difusão entre nós dessas associações e especialmente do Boletim Salesiano, é a unidade de sentimentos que se adquire por parte de todos e o vínculo estreitíssimo de união que insere entre os Irmãos...”. E acrescentava que, aumentando o número e a difusão dos salesianos, isso seria ainda mais necessário (MB XIII 286).

E. O pensamento de Dom Bosco sobre a questão da unicidade ou multiplicidade do Boletim Salesiano.

Diz o P. Ceria que Dom Bosco falou a respeito em Capítulo (Conselho), a 17 de setembro de 1885.

Dom Bosco era do parecer que o BS “não deve ser o órgão particular para cada região, como França, Espanha, Itália etc., mas deve ser o órgão geral de todas essas regiões, isto é, da Obra Salesiana não em particular, mas em geral.

Devem-se recolher as notícias de maneira que as diversas regiões nelas tenham interesse e que todas as edições em várias línguas sejam idênticas. Para esse fim em todas as várias línguas sejam impressos na casa-mãe, porque assim se dará orientação igual a todos. É uma arma poderosíssima que não deve escapar das mãos do Reitor-Mor”.

Houve várias objeções e o P. Rua fez-se intérprete dos pedidos da França e da América, que pediam maior atenção a fatos e situações locais, maior oportunidade. Havia também a proposta de reduzir a parte geral para acrescentar páginas e suplementos locais.

“Dom Bosco rejeitou todas essas propostas...” e insistiu sobre sua idéia: não queria perder “esse meio poderosíssimo” para suas finalidades. A matéria essencial do Boletim, a que agrada aos Cooperadores é “a história do Oratório e as cartas dos missionários”. Se há outros fatos extraordinários agradarão também aos estrangeiros. Se há convites mais urgentes, os salesianos se sirvam da imprensa local ou de circulares. O P. Ceria, que refere o fato, conclui com uma observação e com um episódio:

1. “O santo considerou sempre o BS como o melhor meio de propaganda salesiana: ele *havia intuitido que um bom periódico se havia de tornar com o tempo o mais eficaz púlpito*”.

2. A Bartolo Longo, que lhe perguntava como havia feito para "conquistar o mundo", Dom Bosco respondeu:

"Querido advogado, eis o meu segredo: mando o BS a quem o quer e a quem não o quer". E Bartolo Longo fundou "Il Rosario e la Madonna di Pompei" (MB XVII 668ss).

3.º O Boletim Salesiano hoje

As diretrizes de Dom Bosco foram rigidamente conservadas também quando se começou a imprimir Boletins em diversas línguas: eram redigidos, compostos e impressos em Turim; mesmo as partes que refletiam situações locais, muito reduzidas, eram assim harmonizadas com as diretrizes dos Superiores.

O golpe decisivo para a descentralização foi dado *pela guerra 1939-1944, que separou Turim e a Itália de grande parte do mundo.*

Nasceram destarte os vários BS em várias nações, e não somente em várias línguas, pelo que, hoje, não se pode falar de "BS", mas de "Boletins Salesianos".

É, porém, interessante notar que *as diretrizes* de Dom Bosco repetidas em quase todos os Capítulos Gerais, *ficaram nos Regulamentos*, nas Constituições e nas orientações capitulares praticamente até o Capítulo Geral Especial.

1. O BS nas Constituições e Regulamentos até o Capítulo Geral 19.º.

Repete-se que o BS é:

instrumento de *união fraterna*, que deve ser lido publicamente (Const. a. 14; Reg. a. 19);

órgão oficial dos CC aos quais é enviado gratuitamente:

nas várias nações e línguas acha-se "sob a supervisão do Conselho Superior" (Reg. a. 412):

é proibida a publicação de periódicos do mesmo tipo (Reg. a. 413).

2. No Capítulo Geral 19.º:

O BS é confiado ao Conselheiro para a Pastoral dos Adultos. Reafirma-se que é "o principal sustentáculo da obra salesiana", tomam-se em consideração as 27 edições existentes, exorta-se a melhorá-lo, a incrementar a difusão, a chegar em toda a parte, é edição mensal, a torná-lo "espelho fiel da atividade salesiana no mundo", meio de "ligação de todas as nossas obras com o R. M. e o C. S." com "serviços de caráter geral" para torná-lo mais agradável a todos e permitir maior difusão (CG19).

No artigo 413 bis, se diz que deve ser enviado aos "possíveis" Cooperadores e que se aumente a difusão.

3. No CGE é redigido o artigo 32 dos Regulamentos, "nova definição": definição da tarefa do BS, que se tornou "publicação oficial para a Família Salesiana". Segundo esse artigo, com efeito, o BS deixa de ser o órgão dos CC e se torna: "a publicação oficial da Família Salesiana", mas continua confiado às "diretrizes do Conselho Superior", e os escopos se definem assim:

1) difundir o espírito de Dom Bosco;

2) tornar conhecida a obra salesiana e suas necessidades;

3) unir e animar os vários grupos da nossa Família;

4) promover as vocações.

4. Uma interpretação autêntica recente.

O P. Viganó escreve a respeito do conteúdo da informação salesiana, da qual o Boletim Salesiano é o órgão máximo:

"... há três níveis sobre os quais devemos concentrar a informação salesiana:

— elementos de história salesiana — a 'memória' do passado;

— conteúdos de reflexão sobre a realidade salesiana: vocação, espírito de Dom Bosco, sistema preventivo etc. — os elementos permanentes da missão;

— notícias de atualidade, de família 'para soldar o passado ao presente, superar as distâncias geográficas, colher a continuidade e integridade do projeto de Dom Bosco que se realiza no tempo e no espaço'". (ACS, 302, pág. 25, outubro-dezembro 1981).

5. Em outras palavras, tendo em conta a história antiga e recente, da situação concreta e das diretrizes existentes, parece que se pode dizer justamente que o BS:

"É um instrumento de informação e edificação interna para quantos se encontram na Família Espiritual de Dom Bosco e instrumento igualmente válido para tornar conhecido da opinião pública o que a Família de Dom Bosco vai realizando. Não é uma revista, mas uma folha de notícias salesianas para

- divulgar um espírito,
- construir uma mentalidade,
- alimentar a simpatia para com a vocação e a missão de Dom Bosco,
- oferecer o seu projeto pastoral,

— estimular a agregação da sua família espiritual em todo o mundo" (ACS, 302, pág. 46).

6. Não existe contraposição entre informação, comunicação, formação e comunhão, que se fundem harmonicamente, enquanto também as notícias formam uma mentalidade, criam um clima de participação e despertam iniciativas e atividades. O BS é reflexo de um dinamismo co-participado por toda a Família Salesiana e inserido na Igreja. Dele vêem estímulos de iniciativas e de criatividade. Ele, é, contemporaneamente, um "olhar à presença salesiana na Igreja" e também uma ajuda atenta para os Salesianos para que olhem a realidade do mundo e da Igreja para aí colher as interpelações ao próprio zelo.

Conclusão

Do tempo de Dom Bosco a situação mudou. A nossa Congregação e a nossa Família, limitadas então e em estado inicial, geograficamente não muito espalhadas, estão hoje presentes praticamente em todo o mundo. Mas a vocação, a missão, a família salesiana, têm ainda os *mesmos valores fundamentais* para apresentar, difundir, atualizar; quando muito o pluralismo exige uma apresentação mais acurada, atualizada, fiel. *Permanece, pois, a função fundamental do BS*, que hoje melhor se realiza com as numerosas edições, que têm o escopo de encarnar em áreas culturais diversas os valores da única vocação salesiana, que portanto devem estar presentes no BS, nos BS; isto justifica a intervenção, em nome do Reitor-Mor e do Conselho Superior, do dicastério para a FS, e os subsídios e diretrizes que ele dá aos Boletins Salesianos.

1. O BS é sempre um instrumento válido, como prova o fato que chegou até nós, imitado por muitas organizações e que — onde é bem feito, cuidado, propagado — é desejado, aceito, lido, assimilado.

2. Numa época de pluralismo e descentralização para que não se percam os valores salesianos fundamentais e as riquezas das situações diversas em que vive a FS, é preciso fazer comunhão de tais situações para o enriquecimento de todos, para alimentar a “universalidade salesiana” no diálogo, no confronto, no intercâmbio.

3. Como “publicação para a Família Salesiana”, o BS não abandonou os destinatários queridos por Dom Bosco: eram os CC, mas mais em função de “propagadores” que de destinatários; o BS era para eles, ao mesmo tempo, órgão de formação e de apostolado. Na realidade, além dos CC, Dom Bosco destinava-o a muitíssimos outros, queria que o lessem os salesianos, as FMA, os Ex-alunos, para conservarem os valores da educação salesiana (cf. Circular de 19.3.1885), todos os seus benfeitores e amigos para alimentarem a união.

A identificação dos CC com os leitores do BS contribuiu para desviar seu mais amplo destino querido por Dom Bosco e reduzir-lhe as finalidades apostólicas.

4. A frase “publicação para a Família Salesiana” deve ser explicada:

- para a construção da FS;
- para fazer circular as notícias de família mais importantes entre os vários grupos da FS;
- para tornar conhecido o carisma salesiano e a sua presença na Igreja e na sociedade;

— para o apostolado salesiano da Família Salesiana: fazem-no todos juntos, difundem-no todos juntos, como obra comum, como serviço comum da missão, como empenho de todos, como pedido que Dom Bosco faz a todos.

5. O BS deve ser considerado uma obra salesiana fundada por Dom Bosco que, no correr dos tempos, se multiplicou, como o oratório, as missões. O seu escopo é tornar presente o carisma salesiano e difundi-lo o mais possível, não por “salesianismo”, mas porque “a salesianidade” é um dom do Espírito Santo para toda a Igreja e é parte confiada à família salesiana. Como obra salesiana ele exige pessoas preparadas, meios e instrumentos adequados, mesmo que causasse prejuízo...

As três tentações mais frequentes e deletérias que se devem vencer com relação ao BS são:

1. torná-la uma revista genérica de vida cristã, de educação, de propaganda missionária, de promoção social etc., com vagas tintas salesianas, matando, por medo do salesianismo, a salesianidade;

2. reduzi-lo a um noticiário local, inspetorial ou nacional, sem uma visão mundial: é a negação da abertura “mundial” de Dom Bosco e limitação da sua visão e missão a um nacionalismo salesiano;

3. considerá-lo somente como um instrumento para fazer dinheiro, para receber ajuda econômica e, quando o balancete não feche, fechar o BS. É preciso, por certo, torná-lo ao menos auto-suficiente, mas, se não for, será preciso fazer como se faz para outras atividades salesianas que, de per si, não rendem, para as quais procuram-se os financiamentos, porque devem considerar-se “típicas” da missão;

o BS é uma das mais típicas atividades salesianas.

5.7 Nomeação: Dom Castillo Lara

Em 15 de maio de 1982, o S. Padre nomeou Dom Rosalio José Castillo Lara Pró-Presidente da Pontifícia Comissão para a Revisão do Código de Direito Canônico. No dia 26 de maio era-lhe conferida a dignidade de arcebispo para a mesma sede titular de Precausa.

5.8 Memórias Biográficas: repertório alfabético

Está pronta a segunda edição, revista e ampliada, do Repertório Alfabético das Memórias Biográficas. Os 4.200 exemplares de 1972 esgotaram-se há tempo; fato que depõe a favor dessa compilação, devida à iniciativa do P. Pedro Cicarelli.

Não é só um índice. É um repertório: pois apresenta em síntese o conteúdo de pensamentos ou episódios de maior relevância, marcadamente característicos.

Alguma redução e muitos enriquecimentos caracterizam a nova edição.

Por redução entende-se a eliminação de palavras que indicavam um só ponto, e além do mais pouco significativo, ou então pala-

avras que em si mesmas não tinham grande força de apelo. Evitaram-se também algumas repetições redundantes: quando a presença de uma frase sob duas palavras tornava a própria frase facilmente encontrável, não se manteve a terceira repetição sob outra palavra, e muito menos a quarta.

Por enriquecimento quer-se entender primeiramente o fato de haver incorporado o Suplemento no contexto do volume. Porém quer-se dizer também que foram acrescentadas palavras novas (como: Carlos Alberto, Consolata, Escolas Profissionais etc.) e numerosos pontos isolados, não inseridos antes nas palavras correspondentes.

Em formato idêntico às Memórias Biográficas, o novo Repertório será válido complemento delas. A sua melhor valorização está ligada à mina dos 19 volumes; todavia é inegável a sua praticidade funcional como instrumento pessoal independente: além de permitir que se respiguem pontos úteis para pregações, conferências e conversações, abre a possibilidade de aprofundar, na figura do nosso Fundador, certos aspectos, que permaneceram na sombra. Esse intento será atingido com a leitura calma, metódica e meditada das cerca de 450 páginas que compõem esta preciosa obra.

Em brochura, ou encadernado. Roma, Direzione Generale.

5.9 Irmãos falecidos

"Conservamos a lembrança de todos os irmãos que repousam na paz de Cristo. Trabalharam em nossa Congregação, e muitos ainda sofreram até o martírio (...) Sua lembrança é para nós estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão" (Const. art. 66).

P Aders Hermann (OLA) a. 71	* Amserdam (Olanda)	15.08.11
	Villa Moglia (Torino)	12.09.34
	Torino	5.07.42
	† Assel (Olanda)	3.07.82
P Appel Heinz (GEK) a. 51	* Striegau (Germania)	2.09.31
	Ensdorf (Germania)	15.08.53
	Lyon (Francia)	30.03.63
	† Rudesheim (Germania)	19.08.82
P Ariano Alfredo (GEK) a. 70	* Crispiano (Taranto)	13.09.12
	Magdalena (Perù)	14.01.39
	Santiago (Cile)	27.11.49
	† La Paz (Bolivia)	19.08.82
P Ariatti Giorgio (ILT) a. 71	* Crespellano (Bologna)	23.11.04
	Varazze (Savona)	20.09.34
	Torino	23.06.40
	† Varazze (Savona)	10.07.82
P Asensi Vicente (SBA) a. 75	* Valencia (Spagna)	25.09.06
	Barcelona (Spagna)	10.07.25
	Santiago (Cile)	30.11.33
	† Barcelona (Spagna)	20.07.82
P Barberis Giacinto (IAD) a. 68	* Torino	5.09.14
	Villa Moglia (Torino)	13.09.30
	Cuneo	13.08.39
	† Faenza (Ravenna)	14.06.82
P Barbosa Melico (BSP) a. 69	* Ribeirao (Brasile)	31.07.13
	Campinas (Brasile)	28.01.34
	São Paulo (Brasile)	8.12.42
	† Campinas (Brasile)	8.10.82
P Biancotti Giov. Battista (ICE) a. 82	* Scarnafigi (Cuneo)	27.06.04
	Ivrea (Torino)	5.10.22
	Torino	6.06.30
	† Torino	11.08.82
P Boggio-Lera Lorenzp (ISI) a. 83	* Catania	7.10.98
	San Gregorio (Catania)	24.12.20
	San Gregorio (Catania)	8.07.28
	† Catania	25.06.82
P Cafì Vincenzo (ISI) a. 75	* Mazzarino (Caltanissetta)	12.11.17
	San Gregorio (Catania)	2.10.26
	Messina	6.08.33
	† Catania	8.09.82

P Centanni Luigi (ISI) a. 57	* Alia (Palermo)	26.07.24
	San Gregorio (Catania)	16.08.41
	Messina	29.06.51
	† Palermo	18.07.82
P Ceregioli Costantino (ABA) a. 59	* Macerata	21.05.23
	Moron (Argentina)	31.01.47
	Cordoba (Argentina)	25.11.56
	† Ramos Mejia (Argentina)	24.08.82
L Clarke Francis (GBR) a. 86	* Johannesburg (South Afr)	9.08.95
	Cowley (Gran Bretagna)	18.09.26
	† Cape Town (South Africa)	6.03.82
P Conzadori Luigi (ILE) a. 68	* Canneo sull'Oglio (Mantova)	12.05.14
	Montodine (Cremona)	1.09.38
	Torino	6.07.47
	† Treviglio (Bergamo)	7.08.82
P Costanzo Joseph (SUO) a. 81	* Milano	6.11.1900
	Fogizzo (Torino)	21.09.17
	New York (USA)	20.09.24
	† Hansford (USA)	5.08.82
P Daverio Mario (ILE) a. 57	* Masnago (Cremona)	17.12.25
	Montodine (Cremona)	16.08.42
	Monteortone (Padova)	29.06.52
	† Montechiarugolo (Parma)	8.07.82
P Decaroli Leo (ISU) a. 62	* West Fort Lee (USA)	27.05.20
	Villa Moglia (Torino)	3.09.36
	Bollengo (Torino)	1.07.45
	† Torino	4.06.82
P De Mertini Eugenio (SUE) a. 80	* Lu Monferrato (Alessandria)	16.10.02
	New Rochelle (USA)	8.10.22
	Torino	9.07.33
	† Rodella d'Alba (Cuneo)	3.09.82
L De Michelis Giovanni (ILT) a. 63	* Diano d'Alba (Cuneo)	24.10.18
	Pinerolo (Torino)	8.09.39
	† Firenze	13.07.82
P dos Santos Manuel (BRE) a. 76	* União dos Palmares (Brasile)	23.06.06
	Jaboatão (Brasile)	28.06.30
	São Paulo (Brasile)	8.12.38
	† Juazeiro do Norte (Brasile)	1.10.82
L Ettli Jacob (INC) a. 48	* Champakulam (India)	7.02.34
	Shillong (India)	8.05.52
	† Krishnagar (India)	31.08.82
P Fabris Ubaldo (ABB) a. 68	* Villafranca (Padova)	26.06.14
	Fortin Mercedes (Argentina)	29.01.33
	Cordoba (Argentina)	21.11.43
	† Salta (Argentina)	20.07.82
P Frontini Alfredo (IRO) a. 67	* Locate Varesino (Como)	5.10.15
	Montodine (Cremona)	3.10.32
	Roma	20.03.43
	† Albano (Roma)	11.10.82

68 ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

P Garelli Sante (ISU) a. 98	* Faenza (Ravenna)	22.03.84
	Genzano (Roma)	3.10.1900
	Torino	26.06.08
	† Torino	8.07.82
P Gildenberger Honorio (ALP) a. 71	Fu Ispettore per 12 anni	
	* S. Miguel (Argentina)	23.10.10
	Bernal (Argentina)	28.01.28
	Roma	25.10.36
P Greco Antonio (IME) a. 70	† San Isidro (Argentina)	18.08.82
	* San Severo (Foggia)	27.04.12
	Portici (Napoli)	11.09.30
	Bollengo (Torino)	5.07.42
P Grijspeert Gerard (BEN) a. 86	† San Severo (Foggia)	2.11.82
	* Izegem (Belgio)	17.07.96
	Groot-Bijgaarden (Belgio)	13.09.20
	Gand (Belgio)	6.12.26
P Haage Edouard (FLY) a. 79	† Gent (Belgio)	1.10.82
	Fu Ispettore per 6 anni	
	* Roubaix (Francia)	14.04.03
	Chateau d'Aix (Francia)	25.09.23
P Hall Henry (SUO) a. 74	Messina (Italia)	2.12.34
	† La Crau (Francia)	1.08.82
	* London (Gran Bretagna)	4.09.25
	Cowley (Gran Bretagna)	12.09.25
L Hlond Clement (AFC) a. 81	Southwark (Gran Bretagna)	15.08.34
	† Oxford (Gran Bretagna)	1.07.82
	* Slupna (Polonia)	23.11.01
	Klecza Dolna (Polonia)	2.09.23
P Krisch Josef (AUS) a. 80	† Boortemeerbeek (Belgio)	17.09.82
	* Bernreit (Austria)	17.02.02
	Unterwaltersdorf (Austria)	18.08.20
	Torino	9.07.28
P Leder Ensiro (IVO) a. 72	† Wien (Austria)	28.06.82
	* Posina (Venezia)	24.10.09
	Este (Padova)	12.09.27
	Benediktbeuern (Germania)	5.07.36
L Loschi Guido (INE) a. 91	† Bolzano	21.07.82
	* Caorle (Venezia)	3.10.91
	Ivrea (Torino)	4.10.21
	† Lugano (Svizzera)	29.09.82
P Loss Giov. Battista (ILT) a. 81	* Canal S. Bovo (Trento)	18.01.01
	Ivrea (Torino)	26.09.20
	Torino	6.07.30
	† La Spezia	11.09.82
L Magliano Carlo (ISU) a. 76	* Carignano (Torino)	12.01.06
	Pinerolo (Torino)	17.09.31
	† Torino	19.10.82

P McBrade Harry (PER) a. 70	* Lima (Perù)	28.05.12
	Arequipa (Perù)	12.02.30
	Lima (Perù)	22.05.38
	† Lima (Perù)	5.10.82
L Miret Juan (SBI) a. 89	* Villafranca del Panadés (Spagna)	5.01.93
	Barcelona (Spagna)	28.01.11
	† Pamplona (Spagna)	11.07.82
P Moeyerson Louis (BEN) a. 71	* Lippeloo (Belgio)	12.12.10
	Groot-Bijgaarden (Belgio)	28.08.29
	Oud Heverlee (Belgio)	30.01.38
	† Bonheiden (Belgio)	24.06.82
L Montanaro Ernesto (INE) a. 72	* Mango (Cuneo)	30.05.10
	Cumiana (Torino)	23.09.29
	† Vercelli	3.09.82
P Perez José (ABA) a. 75	* Carnaloba (Spagna)	23.06.11
	S. José del Valle (Spagna)	11.09.31
	Roma	29.08.75
	† Buenos Aires (Argentina)	11.08.82
P Picco Felix (PER) a. 54	* Cumiana (Torino)	13.10.28
	Avigliana (Torino)	16.08.46
	Santiago (Cile)	30.11.56
	† Lima (Perù)	27.07.82
P Pini Pietro (ILE) a. 72	* Segrate (Milano)	25.02.10
	Chiari (Brescia)	11.10.27
	Torino	5.07.36
	† Treviglio (Bergamo)	7.08.82
L Piras Giuseppe (ISU) a. 70	* Gergei (Cagliari)	22.01.12
	Lanuvio (Roma)	3.09.33
	† Recco (Genova)	17.09.82
P Reina Diego (SSE) a. 61	* Moron (Spagna)	1.09.21
	S. José del Valle (Spagna)	8.08.39
	Madrid (Spagna)	3.07.49
	† La línea de la Concepcio (Spagna)	17.10.82
P Rezk Antoine (FLY) a. 68	* Alessandria (Egitto)	24.12.12
	La Navarre (Francia)	14.09.38
	Lyon (Francia)	29.06.48
	† La Crau (Francia)	4.11.82
L Rissone Pascual (ABB) a. 78	* S. Damiano D'Asti	3.04.04
	Fortin Mercedes (Argentina)	26.01.24
	† Bahia Blanca (Argentina)	28.07.82
P Rossa Pedro (CIL) a. 81	* Poppelau (Germania)	17.10.01
	Ensdorf (Germania)	29.07.34
	Santiago (Cile)	28.11.43
	† Puerto Natales (Cile)	15.10.82

70 ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

P Rossello Fiorino (ABB) a. 65	* Stroeder (Argentina)	22.05.17
	Fortin Mercedes (Argentina)	24.05.34
P Salanitri Santo (ISI) a. 55	Cordoba (Argentina)	19.11.44
	† Buenos Aires (Argentina)	26.07.82
L Sánchez Pío (SBA) a. 78	* Randazzo (Catania)	3.02.27
	Modica Alta (Ragusa)	28.10.45
P Savasta Andrea (ILE) a. 69	Messina	29.06.55
	† Buenos Aires (Argentina)	3.09.82
P Schinnerer Alois (AUS) a. 70	* Motos (Spagna)	11.07.04
	S. Vicenç dels Horts (Spagna)	16.08.43
P Servadio Orlando (BRE) a. 77	† Barcelona (Spagna)	25.10.82
	* Palermo	4.05.13
L Sgarbossa Umberto (IRO) a. 71	San Gregorio (Catania)	9.09.33
	Ivrea (Torino)	2.06.40
P Slack Edwin (GBR) a. 53	† Treviglio (Bergamo)	28.07.82
	* Weinitzen (Austria)	19.05.12
P Staudigi Michael (AUS) a. 77	Fulpmes (Austria)	29.08.35
	Linz (Austria)	29.06.47
P Stella Pietro (IME) a. 90	† Laxenburg (Austria)	6.10.82
	* Padova	30.05.05
L Taliano Giacomo (MOR) a. 75	Este (Padova)	22.08.32
	Torino	2.07.39
P Tavano Luigi (ISU) a. 72	† Recife (Brasile)	28.09.82
	* Cittadella (Padova)	12.01.11
	Amelia (Roma)	8.09.39
	† Roma	3.11.82
	* Bolton (Gran Bretagna)	27.01.30
	Beckford (Gran Bretagna)	8.09.49
	Sherfield (Gran Bretagna)	5.07.59
	† Moliets (Francia)	12.07.82
	* Kleinharras (Austria)	3.04.05
	Ensdorf (Germania)	15.08.24
	Torino	3.07.32
	† Linz (Austria)	1.07.82
	* Palermo	21.02.92
	S. Gregorio (Catania)	19.03.20
	Palermo	11.06.27
	† Corigliano d'Otranto (Lecce)	13.08.82
	* Montà d'Alba (Cuneo)	19.09.06
	Cumina (Torino)	23.09.29
	† Torino	7.03.82
	* Lestizza (Udine)	28.11.09
	Cowley (Gran Bretagna)	6.11.26
	Torino	5.07.36
	† Torino	22.09.82

P Torra Enrique (SVA) a. 62	* Albacete (Spagna)	31.01.20
	Kotagiri (India)	24.05.51
	Shillong (India)	26.06.60
	† Valencia (Spagna)	18.05.82
L Trecarichi Antonio (ISI) a. 66	* Cesarò (Messina)	7.11.16
	San Gregorio (Catania)	9.09.33
	† Messina	14.10.82
P Vanvilers Mauritius (BEN) a. 80	* Bruxelles (Belgio)	14.08.02
	Groot Bijgaarden (Belgio)	29.08.25
	La Kafubu (Zaire)	29.01.35
	† Bruxelles (Belgio)	22.07.82
L Velásquez Gerardo (COM) a. 68	* Armenia (Colombia)	7.05.14
	Usaquén (Colombia)	16.01.39
	† Medellín (Colombia)	27.08.82
P Venturi Lauro (BPA) a. 56	* Anta Gorda (Brasile)	14.06.26
	Pindamonhangaba (Brasile)	31.01.47
	S. Paulo (Brasile)	4.11.56
	† Rio dos Cedros (Brasile)	24.06.82
P Weghofer Johann (AUS) a. 70	* Wien (Austria)	27.08.12
	Unterwaltersdorf (Germania)	16.08.39
	Linz (Austria)	29.06.49
	† Amstetten (Austria)	3.08.82
P Zago Giuseppe (IVO) a. 69	* Nervesa della Battaglia (TV)	13.02.13
	Este (Padova)	22.08.32
	Montebelluna (Padova)	29.06.42
	† Verona	19.07.82

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Caixa Postal 30.439
Fone: (011) 279-1211 (PABX)
Telex: (011) 32431 ESPS BR
SÃO PAULO